

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
GRUPO DE PESQUISA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, LITERATURA E GÊNERO

KAROLINE LOUISE SILVA DA COSTA

*LUIZ ANTÔNIO DOS SANTOS LIMA E O SEU LEGADO
EDUCACIONAL (Natal/RN, 1910-1961)*

NATAL

2013

KAROLINE LOUISE SILVA DA COSTA

LUIZ ANTÔNIO DOS SANTOS LIMA E O SEU LEGADO EDUCACIONAL (Natal/RN,
1910-1961)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Educação.

Orientadora | Prof^a. Dr^a. Maria Arisnete
Câmara de Morais.

NATAL

2013

UFRN. Biblioteca Central Zila Mamede.

Catalogação da Publicação na Fonte.

Costa, Karoline Louise Silva da.

Luiz Antônio dos Santos Lima e o seu legado educacional (Natal/RN, 1910-1961). / Karoline Louise Silva da Costa. – Natal, RN, 2013.

112 f.; il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Arisnete Câmara de Morais.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. História da Educação–Rio Grande do Norte - Dissertação. 2. Higiene mental–Educação - Dissertação. 3. Pedagogia escolar - Dissertação. 4. Pedagogia civilizatória – Dissertação. I. Morais,Maria Arisnete Câmara de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 37(813.2)(091)

KAROLINE LOUISE SILVA DA COSTA

**LUIZ ANTÔNIO DOS SANTOS LIMA E O SEU LEGADO EDUCACIONAL (Natal/RN,
1910-1961)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Educação.

Orientadora | Profª. Drª. Maria Arisnete
Câmara de Morais.

Dissertação aprovada em 01 de agosto de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Maria Arisnete Câmara de Morais (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN

Prof. Dr. Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes (Examinador Interno)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN

Profª. Drª. Olívia Morais de Medeiros Neta (Examinador Externo)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte | IFRN

Profª. Drª. Marlúcia Menezes de Paiva (Examinador Suplente)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN

*Por acreditar no meu crescimento intelectual, dedico este trabalho à minha orientadora Maria Arisnete Câmara de Moraes, que com tanto zelo, incentivo e carinho tornou possível a materialização deste sonho. Educadora, referência de construção na vida de seus educandos.
Eterna gratidão!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela razão da existência e pelo dom da renovação a cada dia em minha vida.

Aos meus pais, amor eterno e gratidão, me fazem sentir que a minha existência não acaba em mim mesma.

À Adávia Medeiros (*In Memoriam*), minha avó materna, fonte de sabedoria e de referência para a vida.

Ao meu irmão, exemplo de fidelidade e amizade.

À Maria Luiza Costa, minha sobrinha, um poço de candura e de refúgio.

A toda minha família: tias, tios, primas e primos, pelas palavras de carinho sempre.

Aos docentes de História da Educação do PPGED|UFRN e pós-graduandos, com os quais aprendi sobre os estudos dos objetos e temas historiográficos.

Às professoras Marlúcia Menezes de Paiva, Maria Inês Stamatto e Marta Maria de Araújo e ao professor Antônio Basílio Thomaz Novaes de Menezes, pelos generosos acompanhamentos nas minhas atividades nos seminários de dissertação ao longo desses dois anos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior| CAPES pela concessão da Bolsa de Estudos.

Aos queridos familiares de Luiz Antônio dos Santos Lima: Anadila Penna Lima e Rodolpho Penna Lima Júnior pelas incansáveis disponibilizações em me receber e fornecer materiais, preciosidade para este trabalho.

À Paulo Viana, mestre maçom, pela gentileza em também me fornecer fontes históricas.

À Enélio Petrovich (*In Memoriam*) por me conceder informações e indícios sobre a minha pesquisa.

Aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), em especial, Antonieta, Lúcia e Manoel pelas contribuições em nos auxiliar na busca dos documentos históricos.

Ao pessoal do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte (APE/RN), pelo infatigável trabalho em resgatar os indícios importantes para a escrita deste estudo.

Aos funcionários do Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Norte, pela gentileza em fornecer as fotografias doadas pela família.

Ao corpo técnico do Programa de Pós-Graduação em Educação, os sempre prestimosos Milton José Câmara dos Santos, Edenise Kelli de Lima Araújo e Letissandra da Silva.

Aos amigos queridos e amigas queridas da Base de Pesquisa História da Educação, Literatura e Gênero com os quais tive a oportunidade de caminhar e partilhar a vida, as conquistas e as aprendizagens: Ana Luisa Castro, Anderson Tavares, Amanda Emerenciano, Érika Nogueira Martins, Euclides Teixeira Neto, Maria da Conceição Silva, Rosangela Ribeiro, Sara Raphaela de Amorim, Luisa de Marilac e Maria Valdenice.

À Janaina Silva de Moraes, pelo companheirismo nos estudos e amizade sempre.

À Francinaide de Lima Silva, pelo incentivo e as contribuições dadas desde a minha apresentação da monografia até a construção deste trabalho.

À Olívia Moraes de Medeiros Neta, pelo desvelo e generosidade nas indicações de leituras.

À Marta Bezerra e Ana Luiza Medeiros, por partilharem materiais e estudos.

O melhoramento do indivíduo deve concretizar-se na razão dos seus valores e possibilidades.

Lima (1927, p. 13)

RESUMO

A pesquisa analisa a prática do intelectual Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima e o seu legado à história da educação no Rio Grande do Norte, durante o período de 1910 a 1961. Fundamenta-se nos pressupostos da História Cultural, por meio do diálogo promovido por autores a exemplo de Chartier (1990), Elias (1994), Morais (2003; 2006), e Gondra (2003). Utilizamos os Jornais *A República e Diário do Natal*, as Revistas *Pedagogium, do ensino* e do *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte* e, as leis e decretos do Governo do RN, o Regimento Interno dos Grupos Escolares, além da Tese de doutoramento em Medicina intitulada *Higiene Mental e Educação*, escrita por Luiz Antônio dos Santos Lima. Documentos estes procedentes do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). No Arquivo Público do Estado (APE/RN) encontramos o Livro de Honra, Livros de Ofícios, Relatórios e Atas das Reuniões da Diretoria Geral da Instrução Pública. Observamos que o professor Luiz Antônio dos Santos Lima exerceu o magistério no Grupo Escolar Augusto Severo, no Atheneu Norte-Rio-Grandense e na Escola Normal de Natal. Desenvolveu uma ampla atuação na sociedade, frente a cargos administrativos como o da Presidência da Associação de Professores do Rio Grande do Norte (APRN), Direção da Escola Normal de Natal, da Escola de Farmácia e do Departamento de Educação do Estado. Pertenceu a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, como sócio efetivo. Destacou-se pela preocupação com a arte de ensinar e cultivar bons hábitos, como: metodização da alimentação, do asseio, da disciplina, da moral contra o jogo, do antialcoolismo, do antitabagismo, da educação sexual, dentre outros cuidados para a formação sadia das crianças. Defendia o método intuitivo e a realização da prática de ensino concreto realizada pelas lições de coisas, consideradas a chave para desencadear a pretendida renovação educacional. Evidenciamos que Luiz Antônio dos Santos Lima atuou na educação e na área médica do Estado em consonância com o ideal de modernidade do início do século XX.

Palavras-chave: História da Educação. Higiene Mental e Educação. Pedagogia Escolar e Civilizatória.

ABSTRACT

This research aims to analyze the intellectual practice of Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima. This is done considering the author's legacy related to the History of Education in Rio Grande do Norte/Brazil in the time span of 1910 to 1961. Thus, the research is grounded on assumptions that rely on the Cultural History field. The research also dealt with dialogues between the author and Chartier (1990), Elias (1994), Morais (2003; 2006), as well as Gondra (2003). For the bibliographical research the work dealt with a vast array of documents such as newspapers called *A República* and *Diário do Natal*, *Pedagogium*, *Revista do ensino*, as well as state laws and decrees. These documents were obtained at the Historical and Geographical Institute in Rio Grande do Norte. The research also dealt with School Bylaws and a medical doctoral thesis called Mental Hygiene and Education that was written by Luiz Antônio dos Santos Lima. Other documents were obtained at the State's Public Archive, such as the Book of Honor, Work Records, Reports and Minutes of the General Directorate of Public Instruction Meetings. It was possible to infer that professor Luiz Antônio dos Santos Lima was teacher at Grupo Escolar Augusto Severo, the Atheneu as well as some local grade schools. The professor had a broad role in society, in administrative positions such as the Presidency of the Association of Teachers of Rio Grande do Norte, as Grade School Director in the School of Pharmacy and the State Education Department. He was also a member of the Academy of Arts and a partner at Historical and Geographical Institute in Rio Grande do Norte. The professor has also concerned with issues related to teaching good habits such as feeding, grooming, discipline, game morals, temperance, smoking, sex education; all of which necessary for the formation of healthy children. He was an enthusiast of an intuitive method and teaching lessons through practice, that he considered key elements in education. It is seen that professor Luiz Antônio dos Santos Lima had presence in the State's health education and that his ideals were line with the ideal of modernity of the early twentieth century.

Key Words: History of Education. Mental Hygiene and Education. School Education and civilization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Fachada da Escola Estadual Luiz Antônio	17
Foto 2 – Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima (1890-1961)	37
Foto 3 – Sua mãe Sr ^a Ana Souto Lima [s.d].....	39
Foto 4 – Seu pai Srº Galdino Apolônio dos S. Lima [s.d].....	39
Foto 5 – Família Lima: pais e irmãos (Galdino, Anna Lima, Luzia, Diolindo, Isabel, Nestor, Olindina, Luiz Antônio, Idila e Maria) [s.d].....	40
Foto 6 – Certidão de Nascimento de Luiz Antônio	40
Foto 7 – Fachada do Grupo Escolar Modelo Augusto Severo [s.d].....	43
Foto 8 – Luiz Antônio dos Santos Lima, professor da Escola Normal de Natal, [s.d]	46
Foto 9 – Luiz Antônio, professor do 3º ano (1920)	46
Foto 10 – Luiz Antônio ao lado do seu irmão Nestor dos Santos Lima [s.d].....	48
Foto 11 – Luiz Antônio, ex-presidente da APRN [s.d].....	50
Foto 12 – Luiz Antônio, Diretor da Revista <i>Pedagogium</i> (1940)	51
Foto 13 – Luiz Antônio, colação de grau do curso de Farmácia [s.d].....	52
Foto 14 – Luiz Antônio, Tenente Farmacêutico do Quartel General do Rio de Janeiro [s.d].....	53
Foto 15 – Luiz Antônio, colação de grau do curso de Medicina [s.d].....	53
Foto 16 – Luiz Antônio sentado ao lado de José Tavares da Silva, seu companheiro de profissão na Medicina [s.d].....	54
Foto 17 – Instituto de Proteção e Assistência à Infância [s.d].....	56
Foto 18 – Recém casados. Na recepção do Aero Clube em Natal [s.d].....	57
Foto 19 – Chegando a Natal de hidroavião, recém casado [s.d].....	57
Foto 20 – Comemoração dos 25 anos de casado (1960)	58
Foto 21 – Túmulo de Luiz Antônio. Cemitério Público do Alecrim, em Natal. Localizado na Rua São João s/n (5º quadra)	59
Foto 22 – Certidão de Óbito de Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima	60
Foto 23 – Luiz Antônio na escadaria do IHGRN [s.d].....	61
Foto 24 – Título de Benemérito da Loja Evolução II concedido a Luiz Antônio (1941)	63
Foto 25 – Antiga fachada do Hospital Drº Luiz Antonio, [s.d].....	64
Foto 26 – Atual fachada do Hospital Dr. Luiz Antônio (2011)	65
Foto 27 – Tese de Doutoramento em Medicina, intitulada Higiene Mental e Educação (1927)	72
Foto 28 – Conferência sobre o álcool (<i>A República</i> , 1918)	88

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	10
<i>Capítulo Um - Uma História a ser contada</i>	12
<i>Capítulo Dois - Caminhos e (Des)Caminhos: Arquivos, Fontes e Metodologia</i>	21
<i>Capítulo Três - Luiz Antônio dos Santos Lima, Ensaios de Vida ..</i>	36
3.1 - O magistério	42
3.2 - A Medicina	52
3.3 - Outras atividades sociais e culturais	61
<i>Capítulo Quatro - Higiene Mental e Educação</i>	69
<i>Tecendo Considerações</i>	95
<i>Referências</i>	100

Apresentação

Em *Luiz Antônio dos Santos Lima e o seu legado educacional (Natal/RN, 1910-1961)*, tivemos como objetivo de pesquisa, analisar a prática do intelectual Luiz Antônio dos Santos Lima e o seu legado à história da educação no Rio Grande do Norte, durante o período de 1910 a 1961. Evidenciamos as articulações discursivas de uma prática escolar e civilizatória como dispositivos higienistas disseminados no alvorecer do período republicano.

Esta pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa *História da Educação, Literatura e Gênero/UFRN*, e ao projeto *História da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Norte - presença de professoras (1910-1940)|CNPq*. Enquadram-se ao Grupo de Pesquisa: *Cultura, História da Educação e Gênero|UFRN* vinculada à linha de pesquisa História da Educação, Práticas Sócio Educativas e Usos da Linguagem|PPGED.

Organizamos o trabalho em quatro capítulos. O primeiro, sob o título *Uma História a ser contada* apresentamos a história da constituição do objeto de estudo ora particularizado, as ideias iniciais e as possibilidades de seguimento para análise e escrita deste trabalho. Enunciamos as delimitações conceituais e a justificativa.

O segundo capítulo intitulado *Caminhos e (Des)Caminhos: Arquivos, Fontes e Metodologia* delimitamos os arquivos pesquisados, as fontes e os conceitos os quais recorremos para a construção do objeto de estudo. Particularizamos a abordagem teórico-metodológica sob os postulados da História Cultural. Abordamos os estudos conceituais por meio da História da Educação e da Medicina Social.

No terceiro capítulo *Luiz Antônio dos Santos Lima, Ensaios de Vida* evidenciamos os modos de ser e conviver deste intelectual. Dividimos em três subcapítulos. No primeiro *O magistério*, destacamos Luiz Antônio dos Santos Lima enquanto professor primário da Escola Normal de Natal, do Grupo escolar Augusto Severo e do Atheneu Norte Riograndense. Em seguida, no subtítulo *A Medicina* apresentamos a sua formação e atuação na área médica. Em *Outras atividades sociais e culturais* acentuamos a sua participação em outras instituições sócio culturais do Estado, à exemplo da Academia Norte Riograndense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Por fim, evocamos vozes dos contemporâneos que trazem à tona as vivências de Luiz Antônio, em diferentes lugares e situações.

No quarto capítulo *Higiene Mental e Educação* dissertamos sobre o conteúdo da sua Tese de doutoramento em Medicina intitulada *Higiene Mental e Educação* (1927), apresentando os seus ideais para a educação e a higiene, com o objetivo de modernizar e regenerar a sociedade a partir das ações de intervenção de algumas medidas necessárias para a escola primária no que diz respeito à formação integral (educação moral, física, psíquica e intelectual) das crianças. Utilizamos periódicos da época, como o jornal *A República*, a *Revista Pedagogum* e a *Revista de Ensino*, a fim de estabelecer diálogos sobre higiene escolar postulados por professores, dirigentes da educação e médicos higienistas. O objetivo foi discutir as relações e semelhanças entre os discursos propagados por estes profissionais da época em estudo.

Por fim, as *Considerações Finais* apresentam uma tentativa de conclusão da escrita deste trabalho, evidenciando as impressões que restam acerca do processo formativo. Consideramos as possibilidades de novas pesquisas pela abrangência do tema, a serem desenvolvidas na área da historiografia da educação no Rio Grande do Norte, haja vista seus desdobramentos sobre as práticas dos médicos-escolares nos espaços das instituições de ensino primário, a obrigatoriedade do ensino e a alfabetização, a educação das crianças pobres, as escolas para a educação da maternidade, a educação das crianças nas escolas profissionais, como também outras problemáticas apontadas pelo alvorecer do movimento da educação higiênica, durante as primeiras décadas do século XX.

Os capítulos ora apresentados demonstram que Luiz Antônio dos Santos Lima, enquanto agente social e sujeito de racionalidade da época em estudo, defendia com seu discurso educativo-higiênico medidas interventoras na simultaneidade das práticas educacionais e médicas, pela construção de uma pedagogia escolar e civilizatória.

Capítulo Um - Uma História a ser contada

O modo particular de reagir que a educação confere, as habilidades ou inabilidades, os hábitos de pensar, sentir e querer, as reações emotivas e sociais, o conceito básico da vida [...]. Problemas condizentes à liberdade, a descendência do homem, à economia política, à produção e aos encargos da sociedade, à legislação preventiva, ela, pedindo luzes à psicologia científica, procura resolver para proveitoso e tranqüilidade da imensa família humana.

Lima (1927, p. 12 -13).

A história se inicia!

A ideia presente na frase acima supõe constituir o caminho a percorrer para a organização da escrita dessa história que vem a se desvelar na urdidura da narração do texto. A história como assinalou Chartier (1990, p. 82), “é sempre um relato”. Sob essa perspectiva, surge em cena o escritor dessa história: o historiador. Este através de sua prática formativa dará sentido à construção do texto histórico. Diante disso, faz-se necessário narrar a minha prática enquanto historiadora da educação. O fazer de uma pesquisa historiográfica!

O interesse surgiu em 2008, durante a formação no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. As primeiras disciplinas do curso, denominadas como fundamentos nas diferentes áreas do conhecimento com enfoques linguísticos, econômicos, antropológicos, histórico-filosóficos, sociológicos e psicológicos. Entre tantas, as que mais me chamavam a atenção eram Fundamentos Históricos-Filosóficos da Educação e Filosofia da Educação Brasileira. As referidas disciplinas respaldam a formação dos profissionais na área da educação e os ideários das bases pedagógicas. Diante desse fato, começava-se a estabelecer uma relação de interesse por esse campo de estudo.

No segundo semestre, ao cursamos a disciplina *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem*, ministrada pela professora Maria Arisnete Câmara de Moraes, discutíamos a linguagem relacionada ao conceito de Letramento a partir da obra de Magda Soares (1998). Enfatizávamos as muitas facetas do mundo da leitura e da escrita, considerando-os como indissociáveis pelo universo da linguagem. Nesse momento, identificamos a relevância da leitura e da escrita para a formação profissional docente. Entretanto, foram as reflexões estabelecidas nas discussões em torno de *Porque Ler os clássicos?* (CALVINO, 1993) e *O mundo da escrita* (OSAKABE, 1995), que mais nos chamou atenção. Diante disso, nos indagamos quanto ao significado do título *Por que ler os clássicos?* Sabendo que “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (CALVINO, 1993, p. 10-11). Ao mesmo tempo nos interrogamos quanto ao mundo da escrita. Que mundo é esse? Um universo em que a “escrita se inscreve nas práticas” que servem a seu cotidiano, nos responde Osakabe (1995, p. 22).

Essas leituras nos conduziram ao conhecimento da atividade desenvolvida pela professora sob o título *Memórias de leituras*. A referida culminava com a organização de uma coletânea de textos produzidos pelos alunos do 2º período da disciplina *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem* ao final de cada semestre letivo, denominado *Os Escritores*.

Esta coleção encontra-se concluída em uma ultima publicação intitulada *Os escritores 11* (MORAIS, 2007).

A partir dessa atividade desenvolvemos produções de textos sobre as nossas experiências com a literatura. Na tentativa de revisitarmos lugares, momentos e sentimentos nos desnudamos ao escrever o texto *Nos Caminhos da leitura*. A construção deste significou a rememoração do passado como leitora. Implicou em reviver os momentos prazerosos, relacionados a alguns aspectos que nos levavam a esta prática, dentre estes, a curiosidade e o prazer que nos tomava naqueles instantes. Havia, sobretudo, um desejo de adentrar no universo desconhecido chamado leitura. Ao ler esses livros sentíamo-nos dando uma volta pelo mundo. Em nossa percepção a leitura é um ato biográfico, pois através desta podemos experimentar a relação existente entre o mundo fictício com o nosso mundo real. Esse movimento implica num entrelaçamento da vida com as letras. “Imprimir significado às palavras é uma atividade contínua” (SILVA, 2010, p. 11).

Na tessitura deste texto fomos percebendo que o ato de ler proporcionava-nos a liberdade, na qual tínhamos a oportunidade de enquanto leitores dialogarmos não só com o autor como também com nossos pensamentos. Conforme assinala Vygotsky (1989, p. 26) “a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa”. Contudo, percebíamos que a leitura alimentava não só a nossa mente mas também a nossa alma. “[...] os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram [...]” (CERTEAU, 2012, p. 245).

Ao final do semestre, procuramos a professora Maria Arisnete Câmara de Morais e falamos do desejo de aprender bem como de fazermos parte do Grupo de Estudos *História da Educação, Literatura e Gênero*, na qual coordenava o projeto Gênero, Educação e Práticas de Leitura/CNPq.

Passamos a integrar o Grupo de estudo, inicialmente como voluntária e depois como Bolsista de Iniciação Científica (Balcão/CNPq), atividade que desenvolvemos de 2008 a 2011. Durante esse período, frequentávamos as aulas da disciplina *Ateliê de Pesquisa Gênero, Educação e Literatura*, oferecida pela referida professora para os alunos regulares e especiais do PPGED/UFRN.

Nessas aulas, a cada discussão coletiva, nos inteirávamos melhor acerca do suporte teórico-metodológico que respaldam os estudos desenvolvidos no referido grupo. Tínhamos o contato com pensamentos de autores sob os postulados da história cultural, tais como: Roger

Chartier (1990), George Duby (1993), Peter Burke (1997), Norbert Elias (1994), Lopes e Galvão (2001) e Arisnete Morais (2002). Através dessas leituras passamos a compreender que a história cultural pode ser definida pela conjunção de três elementos indissociáveis: “Uma história dos objetos na sua materialidade, uma história das práticas nas suas diferenças e uma história das configurações, dos dispositivos nas suas variações” (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 47).

Nos Seminários Doutoriais e nas defesas de Dissertações e Teses dos orientandos, como também de palestras que enfocavam as temáticas desenvolvidas por este grupo de estudos, percebíamos a metodologia utilizada e desenvolvida no fazer da historiografia da educação. Além disso, esses momentos de socialização nos proporcionavam uma ampla compreensão sobre as pesquisas desenvolvidas acerca das relações de gênero e de práticas culturais, entre estas a educação, o jornalismo, a história e a literatura.

Inicialmente, para entender melhor acerca das pesquisas que foram desenvolvidas nesse grupo, debrucei-me no trabalho de dissertação de Valkley Xavier Teixeira de Hollanda sob o título *A expansão do ensino no RN (1910-1920): presença de professoras*. O autor investiga a participação de professores e professoras normalistas no movimento de atuação no ensino no interior do Rio Grande do Norte, no período compreendido entre 1910 e 1920, sendo essas docentes representadas pela prática da professora Guiomar de Vasconcelos. Ao tomar conhecimento sobre o conteúdo deste trabalho, o que mais nos chamou atenção foi a lista dos diplomados da primeira turma da Escola Normal, em 1910, na qual Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima é o primeiro nome entre os professorandos.

Nesse momento percebíamos que esse era o segundo encontro com este objeto de pesquisa. O primeiro ocorreu nos tempos de estudante do Ensino Médio, durante os anos de 2003 a 2005, na Escola Estadual Luiz Antônio. A referida instituição pública, oferece a Modalidade Normal de ensino respaldado pelo Art. 62 da Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Em 2005, recebemos o título profissional de professor habilitado para lecionar na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental.



Fonte: Escola Estadual Luiz Antônio, 2010.

Percebemos o quanto somos escolhidos pelas nossas pesquisas, nas palavras da professora Maria Arisnete Câmara de Moraes. “[...] pesquisa e história de vida não se separam” (MORAIS, 2003, p. 17). Em consonância a esse fato o historiador Peter Burke (1992), coloca que é o objeto que nos escolhe e não o contrário. Tudo estava interligado, o fato de ter estudado na instituição na qual recebeu o seu nome, os trabalhos lidos a exemplo do livro intitulado *Chicuta Nolasco Fernandes, intelectual de mérito* (MORAIS, 2006, p. 75), além das pesquisas desenvolvidas no grupo de estudos *História da educação, Literatura e Gênero*, que me vinham sempre em evidência o professor Luiz Antônio dos Santos Lima.

Mas, foi exatamente no segundo semestre de 2008 durante a participação no *XIV Seminário de Pesquisa do CCSA* que nos aproximamos mais, no sentido de científicidade, do objeto de estudo. Era o primeiro momento de apresentação e socialização da pesquisa. Sentimos um enorme deslumbramento ao compartilhar sobre a história de vida e a prática educativa de um educador Norte-Rio-Grandense, entre tantos outros distintos trabalhos apresentados por profissionais do âmbito da História da Educação.

Escrevemos o artigo *O professor Luiz Antônio dos Santos Lima e sua prática educativa nas instituições escolares (Natal/RN, 1910-1930)* apresentado no *VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, em agosto de 2010. Participar de um evento científico internacional foi enriquecedor para o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista as contribuições dos pesquisadores da área de História da Educação no Brasil e, em Portugal.

Esta investigação fez parte do Projeto *Gênero, Educação e Práticas de Leitura/CNPq*, coordenado pela profª Maria Arisnete Câmara de Moraes. Ela analisa as “apropriações culturais a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, com ênfase nas formas de construção cultural das referências identitárias através da história da educação” (MORAIS, 2011). O projeto tinha como propósito, ainda, [...] “analisar essas representações, e nelas também as questões de gênero, com suas diferenças e semelhanças, para melhor compreender a interação homem e mulher, segundo valores e interdependências historicamente constituídos” (MORAIS, 2011).

A afinidade com a temática resultou na materialização do trabalho monográfico para a conclusão do curso de Pedagogia intitulado *Luiz Antônio dos Santos Lima, um educador higienista no Rio Grande do Norte (1910-1941)*. Buscamos investigar a trajetória deste educador potiguar o qual contribuiu para a formação letrada da sociedade Norte Riograndense. Com esta pesquisa, compreendemos a atuação de Luiz Antônio na educação do Rio Grande do Norte, em consonância com o ideal de modernidade do início do séc. XX, por meio dos novos princípios e métodos através dos seus ideais para a educação e a higiene, com o objetivo de modernizar as ações até então desenvolvidas na área educacional. (COSTA, 2011).

No decorrer da construção deste trabalho monográfico indagações foram surgindo, as quais não nos cabia respondê-las naquele momento. A intenção do estudo em curso seria aprofundar a temática a partir da construção de respostas a estes questionamentos. É isso que torna fascinante trabalhar com a história: a chance de fazer novas perguntas às respostas já dadas (e a partir delas), criando constantemente novos passados (LOPES, 1986, p. 58). A

continuidade deste trabalho está relacionada com a abertura de novas discussões propiciadas por temas referentes à História da Educação. Dado que “uma fonte nunca está esgotada e que a história é sempre reescrita, na medida em que depende do problema proposto a ser enfrentado e, portanto, do tipo de pergunta que lhe é formulada” (LOPES; GALVÃO, 2001 p. 92).

Na vontade de aprofundarmos o objeto de estudo buscamos a aprovação na seleção do Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no qual obtivemos êxito. A partir daí recomeçamos um novo encontro com Luiz Antônio dos Santos Lima.

Desse modo, o objeto de análise que particularizamos tem como escopo analisar a prática do intelectual Luiz Antônio dos Santos Lima e o seu legado à história da educação no Rio Grande do Norte, durante o período de 1910 a 1961. Entendemos que tudo que se refira à atividade humana, são considerados objetos de análise histórica dentro da perspectiva da História Cultural (BURKE, 1992).

Com isso, buscamos compreender os ideais defendidos por Luiz Antônio dos Santos Lima em consonância ao projeto educacional envolvido pelo ideário nacional de redenção da sociedade, tendo em vista a constituição e legitimação do campo da Medicina e as influências higienistas educativas nos espaços das instituições de ensino. O trabalho dos profissionais como professores, médicos e higienistas difundia uma nova forma de ensino numa época em que a educação era um campo relevante para o modelo de sociedade republicana que começava a se estabelecer. Diante dessa perspectiva, a educação e a medicina, para seus agentes, se apresentam como questões indissociáveis.

O referido trabalho está ligado ao novo projeto *História da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Norte - presença de professoras (1910-1940)* /CNPq, coordenado pela professora Maria Arisnete Câmara de Moraes, o qual, entre seus objetivos, faz referência ao estudo sobre professoras e professores formados pela Escola Normal de Natal que se destacaram no Estado do Rio Grande do Norte, contribuindo para a formação de gerações.

Na tessitura deste texto, indagamos: Qual a relevância da prática do intelectual Luiz Antônio dos Santos Lima no Rio Grande do Norte na primeira metade do século XX? Quais os ideais difundidos por Luiz Antônio em consonância com o campo da medicina e as influências higienistas educativas nos espaços das instituições de ensino? Em busca de resposta a estas indagações, encaminhamos a presente pesquisa.

Nesta perspectiva, evidenciamos que são as problematizações que possibilitam o fazer da história. Como afirmam Lopes e Galvão (2001, p. 94) “São perguntas desse tipo que permitirão ao pesquisador(a) / leitor(a) ir mais fundo no texto”.

Delimitamos o nosso objeto de pesquisa como as práticas intelectuais de Luiz Antônio dos Santos Lima e o seu legado à história da educação no Rio Grande do Norte. O recorte temporal definido tem início no século XX, seguindo até meados deste período, ou mais precisamente de 1910, em que formou-se na Escola Normal de Natal, até 1961, por se tratar do ano de falecimento deste intelectual, atuante até o final da sua vida. Esta pesquisa justifica-se ainda, pelo fato da ausência de trabalhos que contemplem o homem público em seus vários aspectos da atividade funcional.

Este é o nosso fazer historiográfico! Inscrever nas páginas da História da Educação, uma história a ser desvelada sobre o legado deixado por Luiz Antônio dos Santos Lima para a sociedade Norte Riograndense. Para tanto, elucidaremos as memórias de um intelectual nas palavras do historiador Luís da Câmara Cascudo (1997, p. 113):

Na legitimação provinciana da nossa geografia Luís Antônio foi uma legitimidade patrimonial. Uma ação, um esforço, uma potência verbal, um educador, um clínico, uma bondade em serviço do otimismo. Como a sua herança cultural não se materializou na relação das possibilidades pessoais, cabe à nossa geração, aos seus conterrâneos a defesa, a guarda, a vigilância ao nome, para que não se apague na lembrança do futuro.

Essa reminiscência evoca-nos a fios de lembranças, “em busca das avenidas de sentido do texto, entre tantas possíveis” (MORAIS, 2000, p. 121), para que possamos ir tecendo a história deste potiguar, o qual contribuiu na formação de geração de letRADOS Norte-Rio-Grandenses, haja vista a sua história de destaque no cenário do Estado, onde não se restringe tão somente à condição de professor, mais acima de tudo, de um educador que incursionou também, no campo da Medicina as práticas interventoras da educação higiênica, que emergia no lar e nas instituições escolares espalhando-se na vida social. Nesse fazer da construção do texto da pesquisa, lembramo-nos das orientações da professora Maria Arisnete que sempre nos adverte de que “o texto é tecido”.

*Capítulo Dois – Caminhos e (Des)Caminhos: Arquivos, Fontes e
Metodologia*

Do que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos da vida nos quais a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

M. Foucault (1984, p. 13).

A História cultural tem buscado novas formas de trabalhar as fontes, bem como o alargamento dos objetos historiográficos. Sob esta perspectiva vai se construindo a pretensão de reconstituir a trajetória do intelectual potiguar Luiz Antônio dos Santos Lima e o seu legado à história da educação no Rio Grande do Norte, durante o período de 1910 a 1961, tendo em vista “[...] as práticas culturais, seus sujeitos e seu produto.” (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 41).

As práticas culturais, a partir da noção das especificidades do lugar próprio dessas práticas que não se sobrepõe ao espaço das hierarquias e divisões sociais. As práticas enquanto uma maneira de agir e pensar dos sujeitos históricos dada a uma determinada realidade, voltadas para as formas como eles se apropriam e fazem uso dos produtos culturais.

Não existem objetos históricos fora das práticas, móveis, que os constituem, e por isso não há zonas de discurso ou de realidade definidas de uma vez por todas, delimitadas de maneira fixa e detectáveis em cada situação histórica: as coisas não são mais do que as objetivações de práticas determinadas, cujas determinações é necessário trazer à luz do dia. (CHARTIER, 1990, p. 78).

Conforme assinala Chartier, a história cultural pode ser contada mediante o exame das práticas culturais, enquanto essas forem produzidas pelos homens, e, portanto, passíveis de descrever as suas intenções, as representações de um mundo social, produzidas pelas trocas, ou interdependências, que são próprias dos grupos a que se referem. As práticas “visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”. Elas dão conta, por assim dizer, das representações, em sua ‘forma simbólica’ (1990, p. 23).

As fontes de pesquisa sejam estas impressas ou fotografias, refazem caminhos de existências que pouco a pouco apresenta o objeto pesquisado. Nesse intento, encontrar fontes, vasculhar materiais, interrogá-los, confrontá-los, são objetivos a serem alcançados diariamente pelo historiador, com o intuito de buscar subsídios que dêem sustentação na construção da pesquisa. Nesse processo sentíamo-nos em uma atividade instigadora e prazerosa. Todavia ir ao encontro dessas fontes, por vezes, implicava em momentos de frustrações e conflitos devido às dificuldades encontradas com relação ao acesso dos materiais que pudesse responder as indagações levantadas pelo objeto de pesquisa.

Ao enveredarmos ao encontro com esses materiais sentíamos por vezes ora avançando, ora recuando. Sentimentos que se descortinam no fazer historiográfico em busca de vestígios acerca do seu objeto de estudo. Na verdade consiste num turbilhão de sensações

expressas por meio da paixão, da curiosidade, das incertezas e das dúvidas. “As fontes estão aí, disponíveis, abundantes ou parcias, eloquentes ou silenciosas” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 78). No entanto, a única certeza que nos acometia nesse momento era a vontade de compreender as práticas sociais e educativas que permeavam a sociedade no período histórico estudado.

Diante desses documentos históricos, vem a percepção de que há interrogações para serem respondidas. Nesse momento, questionamos quanto à forma de manuseá-los de modo que pudéssemos atribuir sentidos ao estudo. Para tal tarefa nos propomos abarcar diversas preocupações no campo da história da Educação.

Morais relata (2003, p. 27):

As questões postas desta maneira patenteiam a preocupação de quem escreve e quer ser compreendida. Falar e escrever, narrar e pensar. Ir de um lado para outro. São movimentos que, juntos, tramam e tecem significados. Traçar um caminho, imaginar um percurso do cotidiano dessa história, é busca de sentido, para além do texto. É a maldição da palavra em suas múltiplas significações.

O trabalho de investigação do historiador tem procedimentos muito semelhantes aos dos detetives buscando indícios, provas e testemunhos, para encontrar os condicionamentos, os motivos e as razões (BORGES, 2003, p. 60). Ao problematizar as questões norteadoras que me conduzem a esse estudo, procuramos fontes que atendessem a esta investigação. Só se pode conhecer algo do passado através do que desse ficou registrado e documentado para posteridade. Segundo Borges (2003, p. 61):

As fontes ou documentos não são um espelho fiel da realidade, mas são sempre a representação de parte ou momentos particulares do objeto em questão. Uma fonte representa muitas vezes um testemunho, a fala de um agente, de um sujeito histórico; devem ser sempre analisadas como tal.

Na tentativa de reconstruir um passado observamos o quanto é necessário, analisar, comparar e confrontar as informações obtidas nos arquivos. Para tanto, são colocadas questões. Qual a importância do professor Luiz Antônio dos Santos Lima na configuração da sociedade norte-rio-grandense? Em quais espaços desse cenário atuou este intelectual? O que defende em seu discurso acerca dos seus ideais educativos no interior das razões médico-higiênicas do período em estudo? Em que se fundamentava esses ideais, mais

especificamente, os discursos em torno dos novos saberes educativos higienista que legitimaram os agentes da nova ordem social?

As problematizações possibilitam o fazer da história, “somente quando o historiador faz perguntas é que se inicia a história” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 92). A narração do trabalho implica em apresentar o que está silenciado na história. “A narrativa histórica, como mulher apaixonada, exige todo o envolvimento do historiador, sua total entrega, e, ao mesmo tempo, sua total vigilância” (NUNES, 1990, p. 44). Desse modo, teceremos uma narração por meio da reconstrução de vestígios de um passado, visto que “o passado, nunca é demais repetir, é uma realidade inapreensível” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 79).

Nessa investigação historiográfica, utilizamos fontes de natureza documental tendo em vista que “[...] a junção dos indícios, retratados em cada fonte investigada, produz uma representação da realidade, uma vez que nenhum texto mantém uma relação transparente com a realidade que apreende” (CHARTIER, 1990). Desse modo, o pesquisador recorre a fontes de natureza diferentes que retratem o mundo social por meio de uma representação. Possibilita relacionar as fontes e as teorias para a análise dos documentos históricos.

A riqueza do diálogo das fontes com as teorias é, portanto, a possibilidade de, além de problematizar a ambas, alterar as representações que temos não só delas, mas também da própria pesquisa histórica. É evidente que tais representações não são apenas criações do espírito, mas produtos da mentalidade de uma certa época, de certas categorias sociais e de determinados grupos. (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 37).

Dessa forma, o entrecruzamento das fontes possibilita ao historiador novas formas de apreensão da realidade investigada, visto que ‘tudo tem história’, como assevera o historiador Burke (1992. p. 11). A construção histórica será dada a cada nova forma de ler, pensar e construir o mundo.

A partir disso, começa então, uma busca por *corpus* documentais nos diversos acervos dos arquivos públicos e privados do Estado. “Utilizados há mais tempo, e gozando de maior prestígio na pesquisa historiográfica, estão os jornais e as revistas” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 84). Sob este ponto de vista, analisamos as revistas *Pedagogium e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, e os jornais *A República e o Diário do Natal*. Esses materiais são provenientes do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN).

Ainda nesse acervo, nos deparamos com a Tese de Luiz Antônio dos Santos Lima de Doutoramento em Medicina, intitulada *Higiene Mental e Educação*, defendida na Faculdade

de Medicina do Rio de Janeiro, em 1927. Na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico* encontramos um manancial de textos, em sua maioria escritos por seus contemporâneos potiguares e sócio-afetivos do IHGRN. Em cada produção escrita nos deleitamos na história profissional, familiar e acadêmica do intelectual Luiz Antônio dos Santos Lima. Entre estas destacam-se: *Histórias que não estão na história*, autoria de José de Anchieta Ferreira (1983), *Professor Luiz Antônio, bravo lutador que não envelheceu nos ideais*, autoria de Raimundo Nonato (1976) e *Luiz Antônio, um sábio*, autoria de Nilo Pereira (1990).

Encontramos também o livro *História da Associação de Professores do Rio Grande do Norte* (APRN), cujo material possui informações sobre a participação de Luiz Antônio dos Santos Lima na seção de criação da APRN em que assinou a Ata de fundação da referida, além da sua participação na Segunda Diretoria no período de 1933 a 1935 e a necrologia sobre sua pessoa.

Os estudos historiográficos evidenciam a análise documental como forma de análise da ordem discursiva, visto que os documentos configuram-se nos objetos e sujeitos constituídos por eles. Diante disso, é tarefa do historiador interrogar sobre as relações sociais e de poder em um determinado lugar temporal, um lugar espacial, um lugar institucional, dentre outros. Segundo Foucault (1979, p. 71)

[...] existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. [...] os próprios intelectuais fazem parte desse sistema de poder, a idéia de que eles são agentes da ‘consciência’ e do discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais de colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do discurso.

Nesse sentido, evidenciamos que todo discurso segue regras culturais e historicamente estabelecidas em uma determinada sociedade. Portanto, trabalhar com os discursos e os pronunciamentos como fontes de análise histórica fazem-se necessário indagarmos sobre as circunstâncias políticas, econômicas, estéticas, morais, além das expressões, das ideias e dos pensamentos que fazem surgir uma identidade de sujeito.

Portanto, na tentativa de compreender o discurso contido nas produções citadas recorremos às abordagens *foucaultianas*, em que o discurso forma sistematicamente os objetos de que falam. Desse modo, “[...] o conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação; assim se poderia falar de discurso clínico, discurso econômico, discurso

da história natural [...]” ao que nós acrescentamos o discurso educativo-higienista. Sobre a análise histórica, das instituições disciplinares para a normatização do corpo disciplinado ao que se referem aos “[...] saberes e instituições que se atrelam à conduta do indivíduo no âmbito da norma [...]”, neste caso, mais especificamente voltado para a pedagogia escolar e civilizatória (MUCHAIL, 2004, p. 81).

Sendo o discurso compreendido como uma prática que sistematicamente forma os objetos de que se fala, utilizamos tal noção, para entender as práticas intelectuais e a produção de Luiz Antônio dos Santos Lima, segundo uma análise, também direcionada para a educação.

Nessa perspectiva, o presente trabalho constitui-se na tentativa de reconstruir as práticas intelectuais de Luiz Antônio dos Santos Lima, tendo em vista a sua trajetória de vida e os seus ideais educacionais em consonância ao projeto nacional de regeneração da sociedade. Esse exercício, realizamos a partir da análise de algumas fontes impressas, tais como: os jornais, as revistas, legislações e também a sua tese intitulada *Higiene Mental e Educação*, dentre outros.

No acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte (APE-RN) privilegiamos a análise de documentos diversos, entre estes destacam-se: *o Livro de Honra, Registros de ofícios do Estado, Regimentos Internos e as Legislações Educacionais*. Na tentativa de compreender a respeito do funcionamento das escolas públicas e das práticas dos profissionais envolvidos com a difusão do projeto educacional em prol da redenção da sociedade, nas primeiras décadas do século XX, no Rio Grande do Norte.

Visitamos a Biblioteca Câmara Cascudo situada na Rua Potengi em Petrópolis/Natal-RN, com o intuito de encontrar informações sobre a figura de Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima, enquanto ex-professor de Luís da Câmara Cascudo, na disciplina História Natural no Atheneu-Norte-Rio-Grandense. Nessa Biblioteca nos deparamos com os livros intitulados *Ontem e O tempo e eu*. Nesta última obra, Câmara Cascudo (1997) dedica um capítulo denominado *O professor*, em homenagem à Luiz Antônio dos Santos Lima. Nele narra reminiscências sobre o seu tempo enquanto aluno deste educador no Atheneu Norte-Rio-Grandense.

No Memorial da Escola Estadual Atheneu Norte-Grandense, denominado Centro de Estudos e Pesquisas, encontramos *Livros de termos de compromisso e posse dos professores, Atas de congregação do Atheneu e da Escola Normal de Natal e Registros de correspondência oficial expedida pela diretoria da Escola de Farmácia*. Nesses registros,

evidenciamos a passagem de Luiz Antônio dos Santos Lima como professor do referido educandário e da Escola de Farmácia de Natal.

As fotografias são provenientes do acervo particular da sua filha Dona Anadila Pena Lima do segundo matrimônio com a Srª Dila Pena Lima. Ela abriu carinhosamente as portas de sua casa e nos forneceu várias fotografias de cunho profissional, afetivo e acadêmico da trajetória de Luiz Antônio dos Santos Lima, além de dois materiais impressos, sendo estes o livro *Memória Viva de Onofre Lopes* e o capítulo de uma obra intitulado *O sacerdote da Medicina*. Neste último traz-se informações sobre o discurso feito por José Tavares da Silva acerca da escolha do seu Patrono Luiz Antônio dos Santos Lima. Trata-se do discurso de solenidade para a ocupação da cadeira de Luiz Antônio por Tavares da Silva, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Obtivemos também fotografias no Museu do Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Norte, oriundos de uma doação do seu filho Luiz Rodolpho Pena Lima, também do segundo casamento. No referido acervo, nos deparamos com algumas fotos particulares acerca do período em que foi militar como também das formações acadêmicas no curso de Medicina e de farmácia.

Elucidamos as fotografias nas entrelinhas das páginas desta pesquisa, por se tratarem de documentos históricos interrogáveis através dos vestígios de um passado. Cada fotografia reflete a representação de uma pessoa, de um lugar e até mesmo da construção do discurso sobre o mundo. Fotografia é memória. A partir dela revisitamos lugares, frequentamos ambientes inusitados perdidos no tempo. Segundo Kossoy (2001, p. 156) é uma “[...] fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior.”

As imagens são fontes inesgotáveis da sua própria historicidade que nos evocam momentos. Desse modo, nos revelam uma dada realidade registrada. Portanto, utilizar-se das imagens de Luiz Antônio dos Santos Lima no que diz respeito ao seu modo de ser e conviver, implicou em compreender a singularidade do itinerário de sua trajetória pessoal e profissional, tendo em vista que “as fotografias revelam o ambiente, o personagem principal e emolduram o tempo. Em tom sépia, acusam a passagem vertiginosa da vida. Assim como outros documentos contam uma história, a história de vida [...]” (MIGNOT, 2000, p. 130).

Os documentos privados possibilitam fornecer informações sobre o cotidiano, formas de ver o mundo por meio de fatos comuns de vivência humana, hábitos e costumes. Sendo

assim, enunciamos a história de um educador que pertenceu a um grupo de profissionais envolvidos com o ideário nacional de regeneração da sociedade, através da educação e difusão dos ideais higienistas. Sujeito de racionalidade preocupado em disseminar os princípios da higiene aplicados às instituições escolares.

Nesta investigação buscamos também nos acervos particulares dos Cartórios da cidade de Natal, as certidões de Nascimento e Óbito de Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima. O primeiro documento encontramos no 1º Ofício de Notas, localizado na Rua Mossoró, nº 320/340, no bairro da Cidade Alta. Este foi registrado por extenso em Vinte de Janeiro de Um Mil e Novecentos e Dez. Já o segundo documento localizamos no 4º Ofício de Notas, na Av. Engenheiro Roberto Freire, nº 2920, no Shopping Cidade Jardim. Ato registrado no livro c-90, fls. 109v, nº42.819. Nestes materiais identificamos dados pessoais como: data e local de nascimento e morte, filiação, causa da morte e local de sepultamento.

A partir desse confronto entre os documentos, evidenciamos que essas investigações realizadas em arquivos públicos e privados ajudam a responder as inquietações sobre o objeto de estudo por meio do cruzamento e da comparação entre as fontes. Segundo Lopes e Galvão (2001, p. 93) “[...] um trabalho é mais rico e mais confiável quanto maior rigor for o número e tipos de fontes a que se recorreu e com quanto maior rigor tenha sido exercido o confronto entre elas.”

No acervo do Grupo de Estudos *História da Educação, Literatura e Gênero* realizamos leituras dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos no referido grupo, como: Teses, Dissertações e Monografias. Estes impressos evidenciam pesquisas no âmbito da história da educação, com ênfase na história de Instituições Primárias do Estado e nas práticas educativas e pedagógicas desenvolvidas pelos professores nos sistemas educativos. Encontrei trabalhos como o de Amorim (2010), Hollanda (2002), Lima (2010), Morais (2003; 2006), Silva (2007), Silva (2010), Silva (2012), Silva (2013), dentre outros.

Convém ressaltar que pela ausência de outros trabalhos já publicados que detenham em algum momento sobre a figura de Luiz Antônio dos Santos Lima, salvo a minha monografia, destacarei alguns trabalhos acadêmicos que se aproximam da análise desse estudo:

A obra intitulada *Isabel Gondim, uma nobre figura de mulher*, autoria de Maria Arisnete Câmara de Morais (2003). Quando versa sobre a história da trajetória de vida de Izabel Gondim, na construção da sociedade letrada norte-rio-grandense, em fins do séc. XIX e início do séc. XX. Com destaque para a sua vida social, intelectual e profissional, ressaltando

a importância da educação no que se refere às noções de educação moral e os aspectos relativos à civilidade e à higiene. Morais (2003, p. 61) revela que a educadora Isabel Gondim orientava os jovens sobre noções básicas do convívio em sociedade.

[...] entre outros, os deveres para com Deus, deveres do homem para com seus semelhantes, para com os pais e pessoas da família, para com a pátria, enaltece a virtude, que ‘consiste em fazer o bem se esperança de recompensa’; a civilidade, que significa atenção obsequiosa, o que é sinal característico da boa educação e predispõe a todos os que observam essa delicadeza e urbanidade em favor de quem a pratica. [...] ela oferece às moças alguns conselhos de como se portar em sociedade. A civilidade revela-se nas palavras, nas ações e nos movimentos.

A dissertação *A perspectiva da educação higienista no jornal das moças*, de Ana Luiza Medeiros apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação/UFRN. Nesse trabalho a autora evidencia:

[...] que a prática discursiva que se examinou, na constituição desta dissertação, foi um meio para a compreensão das representações advindas do momento histórico e social das primeiras décadas do século XX, quando se tornam evidentes as articulações discursivas de uma prática pedagógica como dispositivos higienistas. (MEDEIROS, 2012, p. 8).

O artigo publicado no livro “Intelectuais e História da Educação no Brasil”, sob o título *Educando com Penna: a educação sanitária na primeira República nos escritos de Belisário Penna*. O autor Buriti (2011, p. 359) versa sobre a “trajetória intelectual de Penna voltada para a inspeção e para a educação sanitária na Capital Federal, dialogando com nomes como Oswaldo Cruz.” Nesse estudo, problematiza as aproximações entre os saberes médicos e o pedagógico, num contexto em que o Brasil precisa se inscrever internacionalmente como a Pátria da ordem e do progresso.

O livro sob o título *A criança problema, a higiene mental na escola primária*, autoria de Arthur Ramos. O autor lançou os fundamentos entre nós, da higiene mental aplicada à criança. Alargou as suas concepções do comportamento humano em função do seu meio social e cultural. “Nunca o mundo teve tanta necessidade de higiene mental, e nunca as oportunidades de sua aplicação foram tão flagrantes, como nesses dias conturbados de uma civilização em transição violenta.” (RAMOS, 1954, p. 396).

A obra intitulada *Noções de Higiene*, autoria de Afrânio Peixoto. Nela o autor revela o movimento da higiene enquanto preocupação dos governos, corporações docentes,

pedagogos e médicos. Peixoto (1935) afirma que as noções de higiene eram dadas nos cursos primários, secundários e normais da Europa e da América do Norte. Sobre a higiene enquanto aplicação prática de quase todas as ciências, assevera que “[...] a razão é impedir a ação, isto é, que a causa agressiva ofenda o organismo, função sanitária de prevenção, e nosso ofício de higienistas.” (PEIXOTO, 1935, p. 29).

Nesse intento, pesquisamos na Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, autores que subsidiassem a configuração do período estudado, como por exemplo, o historiador Luís da Câmara Cascudo com a sua obra intitulada *História da Cidade de Natal* (1999), além de Itamar de Souza com o livro *Nova História de Natal* (2008). Realizamos também o estudo das teses, dissertações e livros que resultaram de pesquisas sobre a história do discurso, a higiene, a medicina e a educação escolar. Encontramos trabalhos como de Viveiros (2011), Gondra (2004), Nunes, Clarice; Kropf, S.; Herschmannl, M. (1996), Boarini (2003), Machado (1978), Costa (1979) e Menezes (2009).

Nesse sentido, nos deteremos em autores que abordam os estudos acerca da História da Educação e da Medicina Social. Tendo em vista que “a história da educação é, hoje, um repertório de muitas histórias, dialeticamente interligadas e interagentes, reunidas pelo objeto complexo ‘educação’ [...]” (CAMBI, 1999, p. 29).

O trabalho de Sara Raphaela Machado de Amorim *Do mestre aos discípulos: o legado de Nestor dos Santos Lima (1910-1930)*, no qual destaca o educador Nestor dos Santos Lima, evidenciando as suas contribuições para o desenvolvimento do sistema de ensino primário. Esse intelectual empreendeu discussões sobre as questões educacionais em vigor e que retratavam os interesses da sociedade norte rio grandense. Dentre estes interesses, destacamos a formação educacional do cidadão republicano, com base nos seus escritos sobre os princípios e métodos do ensino de leitura e escrita, aplicados nos Grupos Escolares do Estado.

Menezes (2009) analisa a história do discurso educacional no Rio Grande do Norte no período de 1911 a 1928. Seu livro *Nestor dos Santos Lima e a modernidade educacional: uma história do discurso(1911 a 1928)* delineia a compreensão de modernidade educacional com base na concepção pedagógico-educacional de Nestor Lima, tendo em vista as diferentes configurações no quadro da evolução da construção discursiva. Assinala como noção do discurso os saberes e as práticas presentes na reunião de enunciados dispersos em documentos. “A arqueologia concerne à utilização instrumental de análise, definindo um

modelo metodológico a partir do objeto em exame, na especificidade das suas escansões e dos diferentes extratos da construção discursiva.” (MENEZES, 2009, p. 13).

A Formação do cidadão republicano estava relacionado a novos modos de viver e se comportar de uma sociedade, fundados nos princípios do higienismo. Duby (2003, p. 13) afirma que uma sociedade “é um sistema cuja estrutura e evolução são determinadas por múltiplos fatores, que a relações entre esses fatores não são de causa e efeito, mas de correlação, de interferência”. Os médicos-higienistas nas suas intervenções forjavam sistema de hábitos para o cuidado com os alunos nos espaços dos educandários. Compreendendo que educação e saúde são elementos indissociáveis, dada a constituição de fatores capazes de regenerar a população brasileira. Neste caso é relevante considerarmos “[...] a simultaneidade das práticas médicas e educacionais”, tendo em vista que tratava-se de um projeto em torno do educar e higienizar a sociedade (GONDRA, 2004, p. 13).

Na República evidencia-se o ambiente escolar como melhor terreno para a formação de hábitos sadios. Sobre isso, afirma Maria Alice Rosa Ribeiro “no campo da saúde, firma-se, nos anos 20, a convicção de que medidas de política sanitária seriam ineficazes se não abrangessem a introjeção, nos sujeitos sociais, de hábitos higiênicos, por meio da educação.” (RIBEIRO, 2009 *apud* CARVALHO, 2009, p. 305).

Nesse intento, nos deteremos também nos estudos dos hábitos no tocante à *pedagogia civilizatória* das contribuições de Nobert Elias. Através do paradigma da Escola Moderna referente à proposta de uma formação integral das crianças, envolvendo seus aspectos: físico, intelectual e moral; bem como a internalização de comportamentos sadios. A concepção de civilização voltada para a ideia de racionalidade e transformação do comportamento humano. Para isso, convém ressaltar que “o indivíduo modelado em conformidade com o padrão observado na sociedade estão em movimento ininterrupto.” (ELIAS, 1994, p. 109).

Outros trabalhos respaldam nossos estudos, a exemplo de Morais (2003; 2006) ao evidenciar os caminhos percorridos para a construção da pesquisa; Nunes e Carvalho (2005) ao discutir como tratar os velhos objetos e construir novos, sobre as fontes, os conceitos, e ainda como organizá-las e, Lopes e Galvão (2001) sobre o tratamento da categorização das fontes, visto que damos inteligibilidade ao material categorizando-os. “A categorização evita a mera descrição dos documentos: a lógica da narrativa (que faz parte da própria escrita da história) passa a ser dirigida por algumas perguntas centrais e norteadoras que permitam a exploração das fontes.” (Lopes; Galvão, 2001, p. 95).

Diante deste manancial de fontes documentais históricas, buscamos analisá-las para melhor compreender a trajetória de outros sujeitos que antecederam a nossa geração, e desse modo evidenciar um legado na constituição da sociedade letrada norte-rio-grandense. Onde a educação se fazia imprescindível para o desenvolvimento e a formação do homem, que demandava os ideais educativo-higienista presentes no projeto de modernidade nacional. “Escrever uma história é mais do que realizar uma exposição de achados. É o efeito de uma transformação pela qual passamos enquanto sujeitos que nos assumimos e assumimos os riscos pressentidos na escrita.” (NUNES, 1990, p. 43).

A trajetória do intelectual Luiz Antônio dos Santos Lima e os seus ideais educativos-higienista causava inquietações e curiosidades. No decorrer das pesquisas fomos percebendo que a institucionalização da razão médica, seus agentes, bem como a produção discursiva voltada para modelação educacional no tocante às práticas dos professores e médicos nesse espaço, trata-se de um estudo tão importante como qualquer outro objeto histórico.

No percurso desta caminhada vão surgindo mais indagações. Quais as influências desses ideais educativos-higienistas nas organizações das instituições de ensino? Qual o papel do professor primário e do médico? São questionamentos que buscamos esclarecer sobre o objeto de estudo. O desafio que se coloca ao historiador é, então, relacionar o quotidiano de seres humanos individuais concretos – objeto de estudo – aos processos históricos em que estavam inseridos (LOPES, 1994, p. 26).

Sabendo que “[...] o discurso médico interveio socialmente, prescrevendo medidas educacionais que pretendiam conformar o social para fins determinados [...]” (CARVALHO, 2004 *apud* GONDRA, 2004, p. 13). Essas práticas de conformar, inventar, formar, disciplinar, são questões que auxiliam a decifrar a intervenção dos sujeitos da racionalidade na construção do progresso e da ordem na sociedade.

Na pesquisa historiográfica acerca da educação brasileira ganha relevância como objeto de estudo, o ideário higienista pedagógico com base no discurso da educação e da medicina do período em investigação. A pesquisa sobre esse ideário evidencia-se através da obra *Higiene e Raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*, organizada por Maria Lúcia Boarini e publicada em 2003. A referida obra apresenta um amplo estado da arte acerca da difusão dos ideários higienista e eugenista no Brasil.

No trabalho intitulado *Missionários do Progresso* organizado por Clarice Nunes, Micael Herschamann e Simone Kropf, em 1996. Os autores discutem os homens das ciências

em prol da construção de um ideário moderno, por meio de ações em busca da cidadania e da normatização do corpo, destacando-se as intervenções do campo da educação e da medicina.

O livro *Artes de civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial*, autoria de José Gondra (2004), revela-se em outro relevante estudo acerca do discurso que constitui a higiene como uma evidência científica que naturaliza a intervenção, bem como desdobra-se nos dispositivos de constituição das práticas educativas destacando-se os agentes da racionalidade em torno da existência de sujeitos, práticas e projetos. O referido autor ressalta a constituição e legitimação da ordem médica.

Os estudos privilegiam como objeto o higienismo e o eugenismo nas primeiras décadas do século XX. Essa produção destaca o avanço das descobertas científicas nas quais evidenciam o discurso higienista em todas as esferas institucionais da sociedade brasileira. Neste sentido, a especificidade do estudo que pretendemos realizar sobre as práticas intelectuais de Luiz Antônio dos Santos Lima reside no fato destas compreenderem as razões da matriz do movimento higienista, nas primeiras décadas do século XX. Mais exclusivamente, por se tratar de um educador, o qual defendeu ideais educativos que legitimassem intervenções na esfera educacional em busca de uma sociedade higienizada.

Nas pesquisas produzidas sobre higienismo e eugenismo no Brasil observamos a importância da interlocução entre profissionais de diversas áreas pela causa do movimento sanitário-educacional. Esses intelectuais corporificaram os ideais dominantes na sociedade brasileira, no início do século XX. Tal movimento consistia em medidas políticas baseadas no uso de hábitos higiênicos pela sociedade, em busca da civilidade, da ordem e da modernidade.

Com o alargamento das fontes e dos temas abordados na história da educação, as novas fontes vêm transformando-se no próprio objeto de pesquisa. Ao compreendermos que “cada fonte, cada documento tem seu valor relativo estabelecido a partir da possibilidade de coerência com os outros”, partimos para a escrita desta investigação (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 93).

A partir dessa base teórico-metodológica, tentaremos alcançar o nosso objetivo no entendimento da trajetória de vida de Luiz Antônio dos Santos Lima, destacando-o em seus vários aspectos: o homem público e o intelectual; bem como os seus ideais educativo-higienista ao seu legado à história da educação no Rio Grande do Norte.

Portanto, analisar a trajetória de Luiz Antônio dos Santos Lima por meio de sua atuação intelectual, o qual exerceu a docência nos educandários e atuou no campo da Medicina em Natal, nas primeiras décadas do século XX, é também reconstituir a

historiografia das relações entre medicina, educação e sociedade sob o processo de constituição da ordem médica no Brasil.

A pesquisa histórica, de acordo com Nunes (2005, p. 258) se constrói sobre o tripé: fontes, interpretação e narração. Para isto, recorremos às fontes disponíveis nos acervos obedecendo ao que se propõe esta pesquisa. Afinal, “fazer história significa extrair do passado o que interessa, a partir de questões postas pelo historiador, para construir em relato, em texto, um discurso.” (CERTEAU, 1982).

*Capítulo Três - Luiz Antônio dos Santos Lima,
Ensaios de Vida*

Foto 2 – Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima (1890-1961).



Fonte: Acervo do Conselho Regional de Medicina do RN (2011).

Dada a complexidade da vida contemporânea, o problema perdeu sua feição familiar para assumir um caráter social de suma relevância. A escola não pode por isso deixá-lo a margem, uma vez que ‘nos não olvidemos que a escola não é feita para escola, mas para a vida e que tem, portanto, uma função social a desempenhar’.

Lima (1927, p. 99).

Na época em que a cidade de Assú, então município do Rio Grande do Norte, era a segunda cidade do interior que montou uma tipografia e recebia o influxo das cidades civilizadas, destacou-se como berço da intelectualidade e dos eventos patrióticos, como a abolição e a independência. Assinalemos como o local que sobressaíra por fazer circular o periódico “O Assuense”, que prestou bons serviços ao desenvolvimento da cultura da cidade, sendo um incentivo para a fundação de outros jornais e revistas. Cenário de criação da cadeira de Latim em 1827, e da de Francês em 1858, evidenciando o interesse da sociedade pela instrução.

Foi nessa ambiência de tanta sensibilidade e inspiração que nasceu Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima, em 15 de setembro de 1890. Era o oitavo filho, dentre os dez do coronel Galdino Apolônio dos Santos Lima e Ana Souto Lima. Segundo consta na sua Certidão de Nascimento os seus avós paternos chamavam-se Manoel Joaquim de Lima e Maria Joaquina dos Santos Lima e os maternos Luiz Antônio Ferreira Souto e Ana Jacyntho Ferreira Souto.

Foto 3 – Sua mãe Sr^a Ana Souto Lima[s.d.]

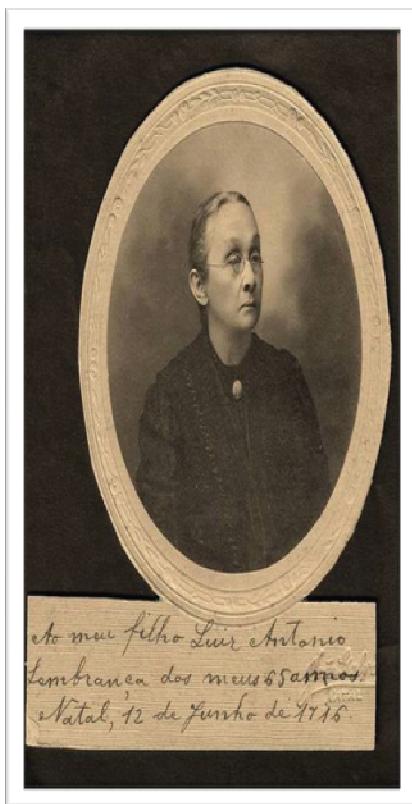
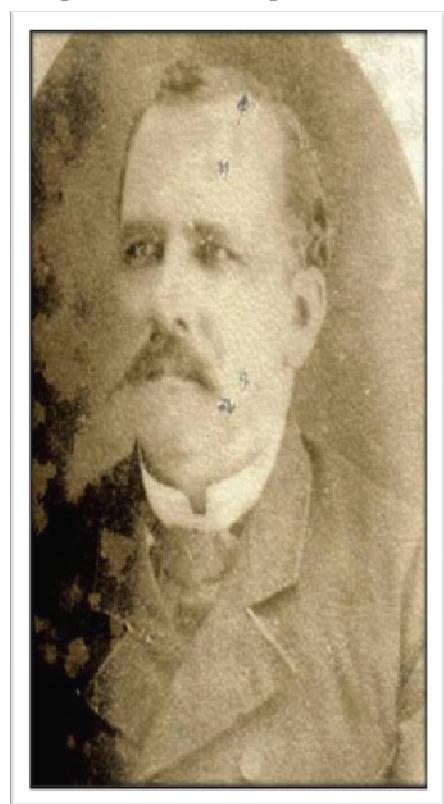


Foto 4 – Seu pai Srº Galdino Apolônio dos S. Lima[s.d.]



Fonte: Acervo particular de Anadila Pena Lima (2011).

Foto 5 – Família Lima: pais e irmãos (Galdino, Anna Lima, Luzia, Diolindo, Isabel, Nestor, Olindina, Luiz Antônio, Idila e Maria) [s.d].



Fonte: Acervo particular de Anadila Pena Lima (2011).

Foto 6 – Certidão de Nascimento de Luiz Antônio.

Fonte: 1º Ofício de Notas-Natal/RN (2011).

Quando criança Luiz Antônio teve o primeiro contato com as letras através de sua genitora. “Desde pequeno, revelou-se muito inteligente, fazia versos, recitava, discutia com lógica e discursava com eloquência. Era um menino vivo, corajoso, enfim dotado de um espírito contagiante aos que estavam a sua volta.” (TAVARES, 2001, p. 172).

Mudou-se em 1899 para Natal aos nove anos de idade, com a mãe viúva e seus nove irmãos, com o intuito de terminar os estudos primários. Ao chegar à capital residiu em um sobrado localizado na Rua Chile, próximo a Praça do Palácio do Governo. “Teve que enfrentar a vida na sua dura realidade, ocupando empregos humildes, com o intuito de estudar.” (SILVA, 1968, p. 75). As suas primeiras aulas foram com o mestre José Ildefonso Emerenciano, conhecido como professor Zuza. Apesar de ter saído da sua terra natal muito pequeno nunca a esqueceu. Evidenciamos essa relação amorosa através do noticiário no periódico *A República*, no qual anuncia a visita de Luiz Antônio a sua terra de origem destacando o seguinte: “retirando-se daqui em tenra idade, ele veio encontrar a sua terra materialmente melhorada, louvando o esforço e a dedicação dos que tão patrieticamente tem se empenhado pelo seu desenvolvimento e progresso.” (OS MUNICÍPIOS..., 1914, p. 2).

Mais tarde, ingressou no curso de Humanidades no Atheneu Norte-Rio-Grandense, ainda no prédio da Av. Junqueira Aires, localizado no bairro da cidade Alta. O curso estabelecido pelo Decreto nº 1.041, de 11 de setembro de 1892, compreendia as seguintes disciplinas: Português, Francês, Latim, Inglês, Geografia, História e Matemática, neste ultimo destacando a Geometria, Aritmética, Álgebra, e Trigonometria.

Em seguida, estudou na Escola Normal de Natal, onde fez parte da primeira turma de formandos, em 04 de dezembro de 1910. Nessa referida turma formaram-se,

Luiz Antônio dos Santos Lima, Severino Bezerra de Melo, Manuel Tavares Guerreiro, Anfilóquio Carlos Soares Câmara, Francisco Ivo Cavalcanti, José Rodrigues Filho, Luiz Garcia Soares de Araújo, Ecila Pegado Cortez, Judite de Castro Barbosa, Áurea Fernandes Barros, Olda Marinho, Stela Vésper Ferreira Gonçalves, Beatriz Cortez, Arcelina Fernandes, Guiomar de França, Anita de Oliveira, Francisca Soares da Câmara, Maria Natália da Fonseca, Maria Abigail Mendonça, Maria das Graças Pio, Clara Fagundes, Maria da Conceição Fagundes, Maria Julieta de Oliveira, Maria Belém Câmara, Maria do Carmo Navarro, Helena Botelho, Josefa Botelho. (MORAIS, 2006, p. 75).

Nesse momento, formavam-se vinte e sete alunos, cuja maioria pertencia ao sexo feminino: sete homens e vinte mulheres. Isso evidencia o fato de que na época o magistério era visto como uma extensão da maternidade e considerado uma profissão

predominantemente feminina. Desse modo, a mulher era concebida somente como mãe, esposa e primeira educadora da infância. Nesse contexto, os homens que se empenhavam nessa profissão conseguiam exercer cargos mais privilegiados que as mulheres, tais como, diretores do Departamento de Educação, dos Grupos Escolares, das Escolas Normais, dentre outros. Isso pode ser observado a partir do fato de que a Escola Normal de Natal só teve sua primeira diretora, Chicuta Nolasco Fernandes, 46 anos após sua abertura, em 1952. Após sete gestões masculinas, desde a fundação definitiva da Escola Normal de Natal em 1908 até, 1952, ano de sua posse:

1-Francisco Pinto de Abreu, conhecido pelo zelo e o cuidado com a ordem e a disciplina da Escola; 2-Professor Ezequiel Benigno de Vasconcelos; 3-Nestor dos Santos Lima, professor preocupado com a educação, foi também o sexto presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; 4-Teódulo Câmara; 5-Luiz Antônio dos Santos Lima, professor, farmacêutico e médico. Começou como auxiliar da cadeira de física, na Escola Normal, passando, logo depois de sua formatura em Medicina, a titular da mesma cadeira; 6-Antônio Gomes da Rocha Fagundes, também Diretor do Departamento de Educação, do Colégio 7 de Setembro, Membro da Liga de Ensino e professor da Escola Doméstica; 7-Clementino Hermógenes da Silva Câmara. (MORAIS, 2006, p. 65).

No mesmo dia da colação de grau houve a celebração de noivado de quatro casais desta turma, dentre eles os professores Luiz Antônio dos Santos Lima e Ecila Pegado Cortez. A referida cerimônia foi presidida pelo Governador do Estado Alberto Maranhão, no Palácio do Governo, que ficava localizado na Praça 7 de setembro, no centro da cidade de Natal. Casaram-se nesta capital Luiz Antônio e Ecila Cortez, fazendo nascer dessa união os filhos Luiz Antônio dos Santos Lima Filho, oficial médico da FAB, falecido em 1945, num desastre aviário, Nestor dos Santos Lima Sobrinho e a professora Olindina Cortês dos Santos Lima, ex-diretora do Colégio Ateneu Norte- Rio-Grandense. No dia 30 de janeiro de 1921, falece D. Ecila após um parto de um dos filhos do casal (PROFESSORA ECILA CORTEZ, 1921, p. 48-49).

3.1 O magistério

Após diplomado professor primário, Luiz Antônio dos Santos Lima exerceu o magistério em três educandários do Estado, durante as primeiras décadas do século XX,

dentre estes: o Grupo Escolar Augusto Severo, a Escola Normal de Natal e o Atheneu Norte-Rio-Grandense.

No dia 22 de dezembro, Luiz Antônio foi nomeado para reger a cadeira masculina do Grupo Escolar Modelo Augusto Severo (NOMEAÇÕES, 1910). O Governador Alberto Maranhão efetivou-o na cadeira de professor que ele já exercia interinamente. No referido Grupo Escolar ensinou a disciplina de Educação Física. De acordo com o Regimento dos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte, a educação física auxiliaria “o desenvolvimento fisiológico das crianças durante as classes, além dos conselhos higiênicos relativos à saúde e a educação dos órgãos dos sentidos.” (RIO GRANDE DO NORTE, 1909, Art. 17 e Art.18, p.7).

Foto 7 – Fachada do Grupo Escolar Modelo Augusto Severo.



Fonte: Acervo do IPHAN.

O edifício do Grupo Escolar Augusto Severo com a estrutura arquitetônica condizente com os ideais da sociedade republicana, tornou-se instrumento de propaganda política dos governos estaduais, cujas ações centravam-se no movimento higiênico, nas quais buscavam além da higiene, a ordem e o progresso da sociedade. A imponência dos prédios revelam a política de modernização que se estabelecia nas primeiras décadas do século XX.

O método de ensino utilizado pelo corpo docente no Grupo Escolar Augusto Severo, privilegiava o incentivo pela aquisição dos conhecimentos por parte dos alunos, de modo que não praticassem o mecanismo da memorização. Segundo Silva (2010, p. 89) o modo mútuo de ensino era utilizado na ação do professor que teria que se esforçar por transmitir a seus

alunos as noções de forma clara e exata a fim de promover o desenvolvimento gradual e harmônico das faculdades dos educandos.

Nesse contexto, o papel do professor era guiar os educandos nas suas atividades. A educação estava voltada para o desenvolvimento do homem integral com base no progresso moral, social e físico. O sujeito passa a ser visto não só como individualidade, mas também como população vivendo em sociedade que age sobre o meio, modificando-o.

Luiz Antônio desenvolvia em suas aulas de Educação Física os exercícios da ginástica sueca nessa instituição de ensino primário. A exemplo disso é a publicação no Jornal *A República* sobre a inauguração da Praça 7 de setembro, onde durante a passeata cívica, o curso Isolado Masculino do professor fez variados exercícios de Ginástica Sueca (INAUGURAÇÃO, 1914). O educador criticava as péssimas condições em que se realizavam nas escolas:

Às vezes em áreas descobertas, a soalheira ardente ou nas classes, entre as carteiras. Na detestável função de levantar poeira no ambiente em que se continua a permanecer, é feita sem disciplina e sem precisão de movimentos, frouxamente, sem ordem nem ação eficiente sobre os grupos musculares, com a única e inócuia vantagem de uma visão estética de conjunto. Noutras escolas, aparece, de semana em semana, um professor de ginástica, que executa uma lição longa com interrupção dos horários, cujo proveito fisiológico ilusório, assim espaçada e inoportuna, desrespeitada sua virtude treinadora, é antes um atentado as salutares normas da educação física. (Lima, 1927, p. 139).

Os treinamentos de ginástica tinham a origem de exercícios físico-militares e obedeciam aos preceitos higienistas defendidos pelos médicos, haja vista a necessidade de civilizar o corpo, por meio da instituição escolar. Esse modelo escolar objetivava-se a constituição de sujeitos física, moral e intelectualmente sadios, seguindo-se um extenso programa e regras para o funcionamento dos educandários. “As disciplinas distribuídas no programa de ensino permitiam ao aluno o desenvolvimento físico e mental pautado nos princípios ditos modernos. Não deveriam fatigar os infantes” (SILVA, 2010, p. 111). Esse era o ideário pedagógico do projeto de modernidade que permeava a sociedade no início do século XX.

Eram recorrentes as discussões em torno do desenvolvimento dos exercícios de ginástica e de seus resultados higiênicos nos espaços escolares. Segundo o médico potiguar,

Alfredo Lyra¹ (1946, p. 54) em publicação na Pedagogium “além do proveito educativo, despertando o pendor artístico, representam excelente maneira de praticar o exercício físico, e porque procura impedir a estafa intelectual metodizada e pela alternância das matérias, com intervalo de repouso”.

O professor Luiz Antônio dos Santos Lima lecionou também como catedrático no Atheneu Norte-Rio-Grandense e na Escola Normal de Natal, ministrando as disciplinas História Natural, Física e Química. Sendo também Diretor e professor de Higiene Escolar desta última. De acordo com o Regulamento da Escola Normal essas disciplinas compreendiam:

X - A physica, como as sciencias naturaes, abrangerá as noções geraes e necessárias à comprehensão dos phenomenos de peso, calôr, som, luz, eletricidade e as applicações quotidianas na vida corrente, domestica e industrial. XI - A chimica não somente comprehenderá o estudo dos phenomenos chimicos geraes, como das especies chimicas, corpos simples e compostos, mineraes e organicos, applicados estes conhecimentos à vida pratica, domestica e industrial. XII - A História Natural, o estudo dos mineraes e das plantas insistirá sobre o conhecimento dos terrenos, preparo do campo, plantio, cultura, economia agrícola; o dos animaes incluirá a zootecnia ou a criação scientifica dos animaes domesticos e domesticados; o do homem reunirá as noções essenciaes de anatomia e physiologia necessarias ao estudo de hygiene ou das condições da saúde. XVI – A Hygiene Escolar, as noções das condições manutenção da saúde nas escolas, e as particularidades dependentes do “meio” escolar local, população, práticas pedagógicas, exercícios e preservação contra as doenças transmissíveis; das principaes moléstias e doenças infantis (RIO GRANDE DO NORTE, 1922, Art. 7, p. 8).

Para o educador norte rio grandense, as lições de higiene, que, ao lado dos rudimentos da física, química e história natural, formavam as lições de coisas, sob a orientação do processo intuitivo. Desse modo, por meio das ‘lições de coisas’ desvendem-se-lhes os aspectos agradáveis da natureza, procurando-se desenvolver nelas o gosto pela observação, pela análise exata e paciente do mundo exterior. (LIMA, 1927, p. 46).

¹Alfredo Lyra publicou o livro intitulado *Inspeção Médico-escolar*, no qual discutia que as relações entre a medicina, a higiene e a pedagogia. A referida obra está dividida em três partes: *A Escola, Exames do Escolar e Doenças Transmissíveis*. Nele o autor expõe tudo o que de essencial no que concerne à higiene e à pediatria escolar, desde as condições arquitetônicas do prédio em que funcionam as aulas até o exame das condições fisiológicas e psíquicas do estudante e das moléstias contagiosas que grassarem entre as crianças e adolescentes em idade escolar. Ainda, enfatizava que a assistência aos estabelecimentos de educação e aos que os frequentavam, por uma cuidadosa vigilância médica e higiênica, há merecido nos tempos modernos interesse especial dos governos de todos os povos cultos.

O professor Luiz Antônio, ao lado esquierdo e direito das fotos, como professor primário da Escola Normal de Natal na década de 1920. Na turma do terceiro ano ministrava as aulas para a formação propriamente profissional, nas quais os alunos deveriam aprender a ensinar. Conforme o regulamento da Escola Normal, as disciplinas compreendiam as seguintes lições por semana: Português (duas lições); Física e Química (duas lições); Educação Moral (duas lições); Pedagogia (três lições); Música (duas lições); Pedologia (duas lições); Desenho (uma lição); Economia Doméstica (uma lição) e Educação Física (uma lição).

Foto 8 – Luiz Antônio dos Santos Lima, professor da Escola Normal de Natal, [s.d].



Fonte: Acervo Particular de Anadila Pena Lima.

Foto 9 – Luiz Antônio, professor do 3º ano (1920).



Fonte: Acervo Particular de Anadila Pena Lima (2011).

No período de 1920 à 1933, lecionou no Atheneu Norte Riograndense. Durante esse período assumiu provisoriamente e interinamente algumas cadeiras nesse estabelecimento de ensino. No ano de 1923, assumia a cadeiras de Microbiologia e Física quando foi designado

pelo Diretor Januario Cicco para reger provisoriamente a cadeira de História Natural e Química Mineral e Orgânica.

Em 1928, foi nomeado pelo Presidente do Estado para reger interinamente a cadeira de História Natural. Logo, em 1931, Luiz Antônio foi transferido da cadeira de química e física. No dia 14 de julho de 1932, foi suspenso por tempo indeterminado. Em 17 de janeiro de 1933, reassumiu o exercício de sua cadeira, ficando relevada a pena de suspensão, por tempo indeterminado.

No velho Atheneu naquele tempo professores foram vítimas de gracejos desrespeitosos de alguns alunos. No entanto, Luiz Antônio nunca foi alvo de descrédito, pois, era respeitado e acatado por aqueles discentes, sendo suas aulas ouvidas com maior atenção e o mais profundo silêncio. Destacava-se devido a facilidade de exposição aliado aos modernos conhecimentos. “Acompanhava os diagramas do percurso pedagógico, desde 1911, sabendo as reações de mestres e alunos pelo Nordeste e Rio de Janeiro na aplicação do método da ‘Escola Moderna’, complexa, polimorfa, confusa” (CASCUDO, 1998, p. 91). A práxis educativa evidencia os ideais vigentes condizentes aos conceitos da Pedagogia Moderna.

A atividade de ensinar era um ofício. Nesse sentido, Luiz Antônio fez do magistério seu ofício associado à prática da educação física, física, química, história natural. Atuou também nas instituições de ensino particular na cidade do Natal. Dirigiu o estabelecimento de ensino particular, denominado Instituto Pestalozzi que era formado pelo conjunto de cursos primário, complementar e secundário a cargo de diversos professores. No dia 18 de setembro de 1918 mesmo ano, recebeu a visita da inspeção escolar, na qual foi observada a quantidade e a frequência dos alunos matriculados, além das disciplinas que eram ministradas em sala de aula. O ensino primário, ministrado pelos municípios e pelos particulares ou associações, era inteiramente livre, “ficando, porém, sujeito a fiscalização oficial quanto à higiene, a moralidade e à nacionalização” (RIO GRANDE DO NORTE, 1916, p. 24-25).

Remanescente do Instituto Pestalozzi, funcionava a escola não subvencionada do professor Luiz Antônio dos Santos Lima, na Loja Evolução 2^a, à Rua Vigário Bartolomeu. Segundo o inspetor de ensino Profº Amphiloquio Camara, “nessa instituição ministrava-se aulas de Física, Química e História Natural, matérias que o mesmo professor ensina com proficiência a 18 estudantes” (ESCOLAS..., 1920, p. 1).

Devido à sua dedicação ao exercício da docência consta no *Livro de Honra* por ato do Diretor Geral da Instrução Pública, Manoel Dantas, em 26 de março de 1919, homenagens que Luiz Antônio dos Santos Lima recebeu durante a sua atuação no ensino público:

Foi louvado por haver lecionado com aproveitamento a cinquenta e quatro alunos no ano de 1914, a cinquenta e um educandos no ano de 1915 e a sessenta e dois alunos no ano de 1916. No relatório de 1911, o Diretor do Grupo Escolar Augusto Severo destaca: “Profissional dedicado e completo é um dos mais prestativos auxiliares desta diretoria”. Este elogio foi repetido nos anos de 1912 e 1913. E, mais tarde, no relatório de 1914 ressaltam que Luiz Antônio dos Santos Lima continua a ser um dos mais distintos servidores da causa do ensino, pela competência, pela educação e pela pontualidade. (LIVRO DE HONRA, 1919, p. 5).

O *Livro de Honra* foi criado pelo Artigo 195, da Lei Orgânica do Ensino de 1916, com a finalidade de homenagear os professores primários que se destacassem no ofício de ensinar, através da consignação de elogios por louvação ou recompensas (RIO GRANDE DO NORTE, 1919).

Luiz Antônio dos Santos Lima esteve à frente das atividades relativas à instrução primária ao lado do seu irmão Nestor dos Santos Lima. Caminhavam em busca dos melhores diagramas pedagógicos para o ensino primário. O professor Nestor dos Santos Lima estava preocupado com as práticas de leitura e escrita desenvolvidas nos educandários do Estado, as questões morais e cívicas, a formação docente na Escola Normal de Natal, o Celibato Pedagógico Feminino e as modas para os fins morais e higiênicos. Em uma publicação na revista *Pedagogium*, Nestor Lima (1921, p. 20) ressaltava que, “bem hajam, por conseguinte, os que, como nós assoberbados de responsabilidades, pelejam a boa peleja da decência do vestuário feminino, em nome da moral, da higiene e da religião”.

Foto 10 – Luiz Antônio ao lado do seu irmão Nestor dos Santos Lima [s.d].



Fonte: Acervo Particular de Anadila Pena Lima (2011).

Enquanto que Luiz Antônio preocupava-se com o analfabetismo, o alcoolismo, o tabagismo, a higiene mental das crianças e a psicologia infantil, além da formação dos professorandos da Escola Normal de Natal. Asseverava como indispensável que a realização da higiene mental, pela mediação escolar, devia ser iniciada na pré-escolaridade com a fundação das ‘escolas maternais’, ‘jardins de infância’ ou nas ‘casas das crianças’. (LIMA, 1927, p. 173). O ponto em comum entre os irmãos educadores era as reflexões sobre a educação destinadas aos normalistas, além das preocupações com a higiene no espaço escolar.

O professor Nestor Lima (1921), em seu texto *Celibato Pedagógico Feminino*, analisa a condição da mulher no processo educativo. Isto pode ser visto nas palavras do educador quando analisa as problemáticas incorporadas ao celibato das professoras. Seu texto trata acerca da participação feminina na educação, uma vez que a mulher só poderia exercer a profissão de professora se fosse solteira ou viúva sem filhos.

Estou informado de que outros Estados Brasileiros proíbem terminantemente às professoras públicas ao casamento, sob pena de perda da cadeira ou disponibilidade forçada. A ser verdadeira a informação, está declarada guerra ao matrimônio das educadoras oficiais, enquanto que aos profissionais do outro sexo ninguém lembrou de pôr-lhes restrições, quanto mais de proibir-lhes as justas núpcias.

Ao mesmo tempo Luiz Antônio (1927) criticava o uso excessivo das teorias na formação dos normalistas, sem a aplicação pedagógica dos métodos, formas e processos de ensino às escolas modelos. De acordo com ele, as professoras deveriam utilizar as inovações dos recursos pedagógicos moderno vigentes na política educacional da época.

Nesse período, o envolvimento do professorado em todos os aspectos da educação se fazia forte. Participavam de associações, a exemplo da Associação de Professores do Rio Grande do Norte. Nesse intento Luiz Antônio exerceu a função de colaborador, em 1917. Sempre militando em prol do ensino no dia 4 de dezembro de 1920², assinou a ata de fundação da APRN. “[...] Sociedade que, pelos fins que colima, destinava-se a desempenhar papel preponderante no ensino do Rio Grande do Norte” (DUARTE, 1985, p. 17). Estavam presentes no salão nobre do Palácio do Governo para a solenidade personalidades da capital potiguar, sendo estes: o Governador do Estado, Antônio de Souza; o Diretor Geral da Instrução Pública, Manoel Dantas; o Inspetor do Tesouro Estadual, coronel Pedro Soares de

² Data esta escolhida para homenagear o primeiro decênio da diplomação da primeira turma de professores do Estado.

Araújo; desembargadores, funcionários públicos e professores primários. A mesa foi presidida por Nestor Lima, Manoel Dantas e o professor Luis Soares, este último na qualidade de orador da seção. Nessa assembléia Luiz Antônio foi nomeado para o cargo de adjunto da APRN.

Na galeria cronológica dos ex-presidentes da Associação de Professores do Rio Grande do Norte publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RN* (1921), o professor Luiz Antônio dos Santos Lima foi o segundo presidente da Associação. A ordem é a seguinte desde a fundação: 1. Prof. Anfilóquio Câmara, 2. Prof. Luiz Antônio, 3. Prof. Antônio Fagundes, 4. Prof. Coutinho, 5. Prof. Alfredo Lira, 6. Prof. Luís Soares, 7. Prof. Paulo Viera Nobre, 8. Prof. Geraldo Magela, 9. Prof. João Batista Cabral, 10. Prof. Acrísio Freire, 11. Prof^a Almira do Amaral, 12. Prof^a Olindina Cortês dos Santos Lima, 13. Prof^a Iracema Brandão e 14. Prof. Manoel Barbosa de Lucena.

Foto 11 – Luiz Antônio, ex-presidente da APRN [s.d].



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (2011).

Na segunda eleição para a diretoria da APRN, Luiz Antônio tomou posse do cargo da vice-presidência, em 4 de dezembro de 1932. No ano seguinte, o Presidente da Associação de Professores, Profº Anfilóquio Câmara, foi substituído pelo seu vice-presidente, uma vez que assumia a Direção Geral do Departamento de Educação do Estado, em 1930. Em 1940 foi eleito ao cargo de Diretor da Revista *Pedagogium*, órgão oficial Associação de Professores do Rio Grande do Norte. Realizou o trabalho desse periódico em conjunto com o Redator da revista Manuel Varela de Albuquerque e o Secretário Clementino Câmara. Sendo reeleito para exercer a mesma função no ano de 1941.

Foto 12 – Luiz Antônio, Diretor da Revista *Pedagogium* (1940).



Fonte: Acervo do IHGRN (2011).

O professorado eram associados e colaboradores da Associação de professores do Rio Grande do Norte. Esses profissionais participavam de reuniões, bem como de outros aspectos formativos. Exerciam os cargos de Diretor, Redator e Secretário da revista oficial da associação.

Em entrevista cedida à revista carioca *O Norte*, datada no dia 26 de janeiro de 1922, Luiz Antônio dos Santos Lima fez alguns comentários sobre a fundação e a finalidade da Associação de Professores do Rio Grande do Norte, além de versar também sobre a necessidade da construção do Grupo Escolar Antonio de Souza. No seu discurso, ele afirma que

[...] a Associação foi fundada para corresponder a uma das mais prementes necessidades do professorado do meu Estado, a que tenho a honra de pertencer, e sob os melhores presságios. [...] a ideia da edificação do Grupo Escolar Antonio de Souza, hoje vitoriosa brilhantemente, nasce de uma dupla necessidade: prover o bairro da cidade alta de um estabelecimento educacional primário, inexistente ali, e perpetuar o nome do conterrâneo ilustre, que no Governo do Estado, mau grado a precariedade das condições econômicas, vem integrando a instrução primária, secundária e superior, na sua eficiente objetivação (FRUTOS..., 1922, p. 20-21).

A necessidade da construção de prédios escolares públicos, estava intimamente relacionado ao aspecto da urbanização e ampliação da economia voltado para o projeto de infra-estrutura da saúde da população, nas primeiras décadas do século XX. As ações voltavam-se para as preocupações médico-sanitárias, em busca da prevenção e o combate de doenças viciosas e contagiosas. Esse edifícios evidenciam a tônica da sociedade, a áurea de modernidade que envolvia a cidade do Natal no inicio do regime republicano.

3.2 - A medicina

Sua atuação na sociedade Norte-Rio-Grandense não se restringe somente ao campo educacional. Em 1919, formou-se Farmacêutico em Recife, “à custa de muito esforço e sacrifício, pois seus encargos de família em Natal não lhe permitia assistir a maioria das aulas” (SILVA, 1968). Apesar disso, contam seus contemporâneos, que seus exames de fim de ano eram brilhantes. Ao retornar a cidade de Natal exerce o cargo de diretor da Escola de Farmácia de Natal, criada pela Lei nº 497, de 2 de dezembro de 1920.

Logo em seguida, vai para o Rio de Janeiro exercer a função de Tenente farmacêutico da reserva no Serviço de Recrutamento do Quartel General do Rio de Janeiro. Foi assim que conseguiu recursos financeiros para estudar Medicina, diplomando-se em 1926. No ano seguinte, em 26 de abril de 1927, defende a sua Tese de Doutoramento em Medicina intitulada *Higiene Mental e Educação*, para a cadeira de higiene.

Foto 13 – Luiz Antônio, colação de grau do curso de Farmácia [s.d.]



Fonte: Acervo Particular de Anadila Pena Lima (2011).

Foto 14 – Luiz Antônio, Tenente Farmacêutico do Quartel General do Rio de Janeiro [s.d].



Fonte: Acervo do Memorial do Conselho Regional de Medicina (2011).

Foto 15 – Luiz Antônio, colação de grau do curso de Medicina [s.d].

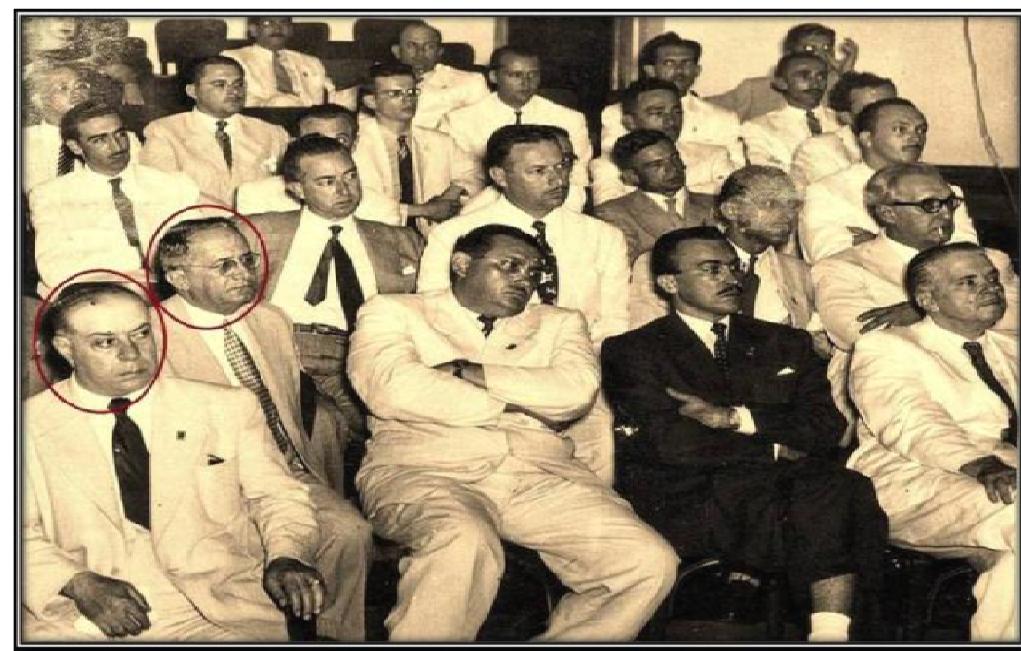


Fonte: Acervo Particular de Anadila Pena Lima (2011).

Naquele tempo, em 1922, a Lei de Ensino permitia ao portador do título de farmacêutico matricular-se na Faculdade de Medicina, dispensando o exame para o ingresso

no curso e começando logo no segundo ano. Foi assim que reencontrou José Tavares da Silva, seu ex-discípulo, cursando o segundo ano na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro.

Foto 16 – Luiz Antônio sentado ao lado de José Tavares da Silva, seu companheiro de profissão na Medicina [s.d].



Fonte: Acervo Particular de Anadila Pena Lima (2011).

Silva (1968, p. 176) recorda a trajetória de Luiz Antônio, enquanto seu colega de turma, no texto intitulado *Luiz Antônio, o Sacerdote da Medicina*

Era sempre escolhido por unanimidade dos seus colegas para liderar as excursões de férias, saudar os Governadores das capitais que visitavam e também os professores no fim de cada ano letivo, pois todos reconheciam e admiravam seu grande talento de orador.

Luiz Antônio proferia palestras e conferências sobre as intervenções das medidas higiênicas no que concerne à prevenção e ao combate dos males sociais e das doenças contagiosas. Mais uma forma de divulgar os ideais educativos higiênico para a formação do cidadão republicano. Em um contexto em que se fazia estabelecer a ordem e o progresso na sociedade.

Como destacava-se nas palavras era também sempre convidado para participar de campanhas de educação social, promovidas pelo Serviço Nacional de Doenças Mentais, com

o intuito de esclarecer os perigos provenientes do alcoolismo e do tabagismo. Luiz Antônio dos Santos Lima traduzia-se em “[...] um conferencista de convicções inabaláveis quando falava nas campanhas contra o álcool e analfabetismo que encetou. Nome indispensável em qualquer associação local, vibrante, inquieto, movimentado, dinâmico, debatedor.” (CASCUDO, 1989, p. 172). Segundo Melo (1972, p. 231),

Combateu ferozmente os vícios públicos, especialmente o álcool e o fumo. Nesse sentido fez conferências inúmeras no Estado, utilizando a cátedra como uma tribuna permanente na campanha contra os males que uns e outros vícios determinam.

Quando defendeu a sua Tese de Doutoramento em Medicina, decidiu retornar ao seu Estado. Ao regressar a capital do Natal foi convidado pelo então Diretor do Hospital Miguel Couto, Januário Cicco, para fazer parte de seu corpo médico. No ofício da Medicina prestou seus serviços ao povo potiguar. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em um programa de outrora, chamado *Obrigado, Doutor!*, faz uma homenagem a Luiz Antônio. “Aquela emissora narra a história de um caso de sua clínica particular, em que ele tendo arrancado um doente das garras da morte, recebera como pago de seus serviços um *Obrigado, Doutor!*” (SILVA, 1968).

Como farmacêutico prestou serviços gratuitos ao Instituto de Proteção e Assistência à Infância, localizado na rua Conceição situada no bairro da cidade Alta, em Natal. O Instituto foi fundado em 12 de outubro de 1917, pelo médico Dr. Manuel Varela Santiago Sobrinho. Tinha como finalidade o acolhimento das crianças carentes, tendo uma maior preocupação com o cuidado físico e a saúde das crianças, recebendo uma forte influência dos movimentos sanitaristas ocorridos na época. Hoje, essa instituição é o atual Hospital Infantil Varela Santiago. O Instituto de Proteção e Assistência à Infância recebia donativos para o seu funcionamento, essas doações eram feitas pela classe rica da sociedade natalense. O jornal *A Republica* publicou, em 1918, uma nota afirmando a aceitação da sociedade natalense com a criação do IPAI:

[...] assim só podemos louvar e prestigiar a iniciativa do Dr. Varela Santiago, procurando criar em Natal o Instituto de Proteção e Assistência à Infância Desamparada, fundação para a qual devem todos concorrer, amparando deste modo um esforço que tanto tem de humanitário como de patriótico [...]. (CRIAÇÃO..., 1918. p.2).

Foto 17 – Instituto de Proteção e Assistência à Infância [s.d].



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do RN (2011).

Essa era a tônica das intervenções médico higiênicas, preparar as crianças para uma tarefa fecunda e proveitosa. A exemplo disso, funcionava também na capital, o educandário Osvaldo Cruz no bairro do Tirol, nas proximidades do Aero Clube. Tratava-se de uma instituição de prevenção ao combate da lepra e de outras doenças tropicais. Funcionava de acordo com “[...] os métodos pedagógicos apropriados à sua natureza.” (EDUCANDÁRIO..., 1942, p. 2).

Em 31 de janeiro de 1959, em substituição ao Drº Onofre Lopes, Luiz Antônio assumiu a Direção da Faculdade de Medicina, cargo que ocupou até o ano de 1961. Federalizada a Universidade do Rio Grande do Norte, teve que se afastar da cadeira de Clínica Médica, aposentando-se pela compulsória, em 1960. Uma vez afastado, o Reitor Onofre Lopes convidou-o para dirigir o Hospital das Clínicas, cargo que assumiu até a sua morte, em 1961. Na história da Medicina do Rio Grande do Norte, Luiz Antônio foi o fundador e o pioneiro da radioterapia profunda. “Esse evento constitui um marco imorredouro de sua iniciativa benfazeja e de progresso no tratamento do câncer em nossa terra” (SILVA, 1968).

Depois de quase quinze anos de viuvez, Luiz Antônio casa-se com Dila Pena Lima. Desse matrimônio tem dois filhos, Luiz Rodolpho Pena Lima, Médico e Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Anadila Pena Lima, Médica Veterinária. O casal morou com os seus filhos na Rua Jundiaí, nº 477, até 1950. Depois se mudaram para uma casa na Av. Campos Sales, nº 682, onde viveu até o último dia da sua vida. Ambas as residências localizadas no bairro de Tirol.

Foto 18 – Recém casados. Na recepção do Aero Clube em Natal [s.d].



Fonte: Acervo Particular de Anadila Pena Lima (2011).

Foto 19 – Chegando a Natal de hidroavião, recém casado [s.d].



Fonte: Acervo Particular de Anadila Pena Lima (2011).

A festa de comemoração de bodas de prata do casal Luiz Antônio e Dila Pena realizada no espaço do *Natal-Club*, nos revela a representação de uma prática de valorização da civilização no período estudado. Nesse contexto, evidenciamos que “a concepção de modernidade perpassa por novos costumes culturais e uma infinidade de experiências que se oferecem” (SILVA, 2010, p. 52).

Foto 20 – Comemoração dos 25 anos de casado (1960).



Fonte: Acervo Particular de Anadila Pena Lima (2011).

Faleceu aos setenta anos, em Natal, vítima de um derrame cerebral em decorrência da arteriosclerose e hipertensão, no dia 10 de abril de 1961, atestou o médico José Tavares da Silva, conforme consta na sua certidão de óbito (4º Ofício de notas, 2010). No Diário de Natal datado no dia 11 de abril de 1961, encontramos a seguinte nota publicada: “Derrame cerebral vitimou ontem o Dr. Luiz Antônio dos Santos Lima. Estava em visita a um dos seus pacientes no Hospital Miguel Couto. Caiu na luta pelo bem tal qual o soldado que tomba na defesa da Pátria”. O seu sepultamento realizou-se no dia seguinte ao do óbito, saindo o féretro de sua residência, à Avenida Campos Sales, no Tirol, para o cemitério do Alecrim. O cortejo efetuado com as pompas fúnebres do Rito Escocês Antigo e aceito da Maçonaria Universal foi acompanhado da grande massa popular, de representantes de Instituições Sociais a que pertenceu, do Governador do Estado, Prefeito da Capital, membros dos poderes Legislativo e Judiciário.

Foto 21 – Túmulo de Luiz Antônio. Cemitério Público do Alecrim, em Natal.
Localizado na Rua São João s/n (5º quadra).



Foto: Karoline Louise (2011).

Foto 22 – Certidão de Óbito de Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima.

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE ÓBITO

NOME:
LUIZ ANTONIO FERREIRA SOUTO DOS SANTOS LIMA

MATRÍCULA:
0949870155 1961 4 00090 169 0542819 - 90

SEXO: **Homem** COR: **Branca** ESTADO CIVIL E IDADE: **Casado, com 70 anos de idade**

NACIONALIDADE: **Anau - RN** DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO: **[Redacted]** ELEITOR: **[Redacted]**

FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA:
GALDINO DOS SANTOS LIMA e ANA SOUTO LIMA, Natai - RN

DATA E HORA DE FALECIMENTO:
09/09/2011 das 05 horas e 00 minutos à umas 21:30 horas DIA MÊS ANO:
10/09/2011

LOCAL DE FALECIMENTO:
Hospital Miguel Couto em Natai - RN

CAUSA DA MORTE:
Infarto agonal, hipertensão, arteriosclerose

SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO (MUNICÍPIO E CEMITÉRIO SE CONHECIDO):
Cemitério do Alecrim, Natai - RN DECLARANTE:
Francisco Alves de Lima

NOME E NÚMERO DO DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO:
José Tavares da Silva

OBSERVAÇÕES/AVERBAÇÕES:
Ata registrada no Livro C-80, fl. 109v, nº. 42. Fiel ao pronto legal. Expedida digitalmente.

Natal Centro do Quarto Ofício de Notas
1º Distrito desta Comarca
Oficial: Maria de Fátima Rebouças Sampaio
Av. Eng. Roberto Freire, 2920 Shopping Cidade
Jardim, Natai - RN, CEP: 59.082-400
(84)3217-0900

O conselho da comissão julgadora: Doutor
Natal - RN, 20 de setembro de 2011
[Signature] **Lima Sampaio**
Assinatura do Oficial/Delegado

4º Ofício de Notas
Maria de Fátima Rebouças Sampaio
TABELIA
Hugo Franco Sampaio
Mário Alfredo Rebouças Sampaio
José Neto de Oliveira
Francisco Nunes Domingos
SUBSTITUTOS

Fonte: 4º Ofício de Notas-Natal/RN (2011).

3.3 Outras atividades sociais e culturais

Como figura intelectual pertenceu a diversas instituições sociais e culturais do Rio Grande Norte, a exemplo da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Sucessor da cadeira de Luiz Antônio dos Santos Lima na referida Academia, José Tavares da Silva, na solenidade de posse explica por meio do seu discurso intitulado *O Sacerdote da Medicina* a escolha do seu Patrono:

O democrático e liberal estatuto desta augusta Academia me deu a liberdade de escolher meu Patrono. Escolhi o doutor Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima, professor, educador e médico. Fi-lo, não só obedecendo a um sentimento de amizade, senão também em homenagem à sua cultura, inteligência, honradez de seu caráter e espírito de caridade. Agradeço aos preclaros membros dessa venerável Academia terem recebido seu nome com simpatia, e principalmente ao grande historiador e nosso venerando e venerado mestre Câmara Cascudo, que, tecendo ligeiros comentários, reconheceu com palavras de apreço ter sido feliz a minha escolha. (SILVA, 1968, p. 169-170).

Como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte/IHGRN, ocupou posição de destaque em sua diretoria, sendo, até a sua morte o vice-orador. Nessa instituição atuou ao lado dos seus colegas membros, dentre estes: Virgílio Trindade, Oto de Brito Guerra, Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa, Onofre Lopes da Silva, Edgar Barbosa, Nestor dos Santos Lima, entre outros.

Foto 23 – Luiz Antônio na escadaria do IHGRN [s.d].



Fonte: Acervo Particular de Anadila Pena Lima (2011).

O prédio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte reunia como associados os intelectuais das diversas áreas profissionais do Estado. Militantes em prol da

instrução pública. A foto evidencia as marcas de expressão de homens que ocupavam cargos de destaque na sociedade em busca de benefícios para a população norte rio grandense.

Com relação à participação na vida política, Luiz Antônio foi elemento ativo na campanha do Partido Popular, no período de 1933-35. No pleito nacional para a Constituição de 1934, não obteve a votação necessária para eleger-se. Aconselhava aos seus amigos e correligionários sufragarem o voto de legenda e não lhe darem os votos avulsos. A história dessa derrota eleitoral explica que não lhe interessava ser eleito arriscando a vitória de seu partido. Por ocasião da reconstitucionalização do País, foi fundador e primeiro secretário do Diretório Central da União Democrática Nacional, neste Estado, porém não mais disputou qualquer posto eletivo. Limitou-se em apoiar os candidatos de sua preferência.

Na maçonaria de Natal, destacava-se como uma grande estrela de primeira grandeza, tendo exercido vários cargos na Diretoria da *Loja Evolução II*, tais como: Adjunto de Secretário, Venerável, Chanceler, Orador, 1º Vigilante e Orador Perpétuo. Atuou também na condição de Grão-Mestre na Loja Maçônica *Filhos da Fé*, por duas vezes. Nunes (1995, p. 39), relata “[...] como uma das mais belas e poéticas orações já proferidas na *Loja Evolução II*, em um dia da Bandeira ao Batalhão Nacional”, a de Luiz Antônio que transcrevemos:

Invocação à Bandeira

Atende, lábaro sagrado da Pátria estremecida, à nossa invocação angustiada.
Derrama, sobre a penumbra que nos cerca, o clarão redentor de teu cruzeiro,
símbolo augusto da Cristandade de teu povo.

Não consintas perecer a nossa esperança vacilante ao influxo mago da
esmeralda em que te engastas.

E que o constelário do teu céu ilumine as nossas almas, como um imenso
lampadário divino.

Desdobra-te sobre nós, como uma benção alada e alenta, em nosso espírito, o
amor que te devotamos, escalada luminosa em que chegaremos até o
sacrifício que redime e é imolação que glorifica.

Traze aos nossos ouvidos embotados a nênia comovida dos teus heróis, no
espinício triunfal de teu martirologio.

Chama-nos ao teu serviço para que sejamos dignos de ti.

Exalta a bravura dos que te defendem no mar, na terra e no ar.

Fortalece o braço rude que amanhã o solo fecundo e multiplica a messe das
searas.

Robustece a iniciativa dos que rasgam as entranhas da terra para retirar os
tesouros que ela encerra.

Consolida a fé dos que nunca descrevem dos supremos destinos da Pátria.

Conclama-se à Ordem e inspira-nos o Progresso a tua Legenda imortal.

Envolve-nos na faixa branca da Paz, que fraterniza os homens e semeia, entre eles, a Liberdade e a Igualdade.

Que pompeies, intangível a pulcra, no conceito das nações, como pioneira e sentinela da concórdia humana.

E que, quando cerramos os olhos em demanda da vida eterna sê presente ao nosso traspasse, para que possamos levar, na retina velada, a tua imagem rediviva.

Que seja a nossa prece para que imperes soberana e eterna, na retentiva de todos os nossos compatriícios.

E que possam todos rezar comigo, fetichista da tua mística minha última jacuatória votiva

“Salve Hóstia policroma da nossa Eucaristia Cívica”. (NUNES, 1995, p. 39).

Em 23 de setembro de 1936, Luiz Antônio recebeu o título de membro honorário.

Em 1941, foi Benemérito da Loja Evolução II, situada na Rua Conceição no bairro da Cidade Alta, em Natal. Segundo Nunes (1995, p. 36) “foi nesta instituição, que o jovem Luiz Antônio, aos 21 anos de idade, recebeu a verdadeira luz, na certeza de que o seu perfil moral, espiritual e intelectual, enquadrando-se no perfil dos princípios filosóficos e doutrinários da maçonaria.”

Foto 24 – Título de Benemérito da Loja Evolução II concedido a Luiz Antônio (1941).

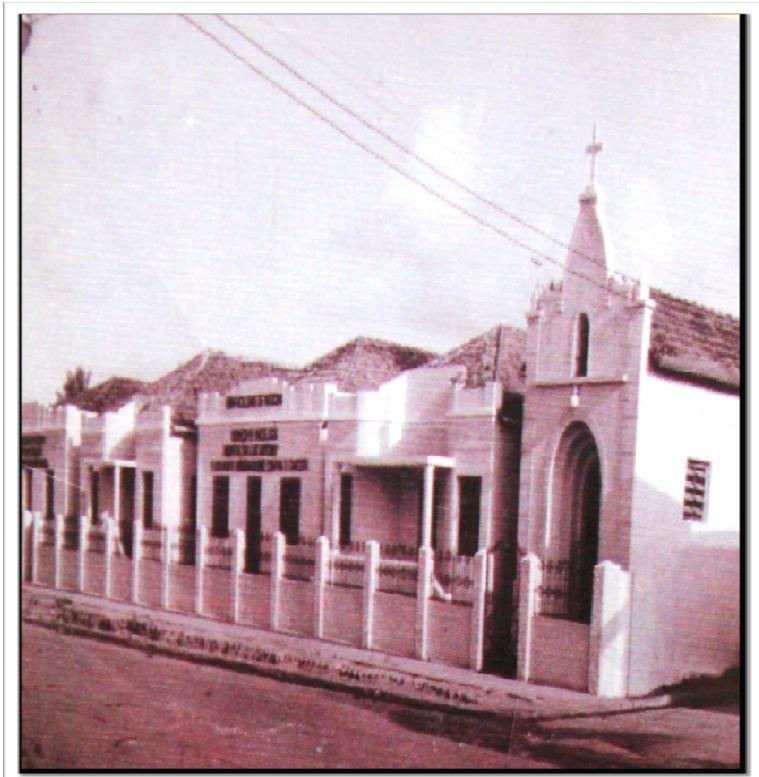


Fonte: Acervo do Conselho Regional de Medicina do RN (2011).

Luiz Antônio dos Santos Lima recebeu, tanto em vida, quanto após morte, homenagens dos contemporâneos. Sendo um dos profissionais da área de saúde engajado para construir o hospital da Liga Norte Riograndense Contra o Câncer, com a ajuda dos auxílios federais e suas economias resolveu comprar uma hospedaria nas quintas, e ao lado construiu duas enfermarias e uma sala aparelhada com todos os requisitos necessários para o atendimento da população do Estado. Para completar a obra ergueu ao lado um templo católico que recebeu o nome de Capela Nossa Senhora de Fátima. Sobre esse momento importante para a história da Medicina no Estado, Enélio Petrovich rememora “[...] é nome do hospital do câncer, por ele construído, só Deus sabe o esforço e a abnegação ímpares” (PETROVICH, 2011, p. 347).

O Hospital Drº Luiz Antônio, atualmente, conhecido como Liga Norte-Riograndense contra o Câncer foi fundada em 17 de julho 1949, data em que assumiu sua direção provisória. Nesse período trabalhou em conjunto com a secretária Licy Teixeira e o tesoureiro João Tinoco Filho (A REPÚBLICA, 1949). Segundo Silva (1968), “Sem ser cancerologista Luiz Antônio demonstrou estar suficientemente preparado para, não só administrar, mas estar em condições de solucionar questões médicas em uma área que não era especialista.”

Foto 25 – Antiga fachada do Hospital Drº Luiz Antonio [s.d].



Fonte: Acervo do Hospital Drº Luiz Antônio (2011).

Foto 26 – Atual fachada do Hospital Dr. Luiz Antônio (2011).



Fonte: Acervo do Hospital Drº Luiz Antônio (2011).

Denomina também uma estabelecimento de ensino estadual instalado em Natal, sendo neste caso: A Escola Estadual Luiz Antônio, criada pelo Decreto n.º 7.316, de 13 de abril de 1978, sob a governadoria de Tarcísio Maia. Porém, o seu funcionamento aconteceu em março do mesmo ano. A referida situa-se na Rua Alameda, s/n., no bairro de Candelária. Há também em sua homenagem, a rua Dr. Luiz Antônio, situada no bairro do Alecrim. Fica localizada próximo ao cemitério público do Alecrim e paralela a Av. Coronel Estevam.

O que resta, são as vozes, que se entrelaçam e se configuram em torno de depoimentos repletos de recordações de figuras contemporâneas do cenário potiguar. A exemplo de Raimundo Nonato, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, descreve-o através do artigo intitulado *Professor Luiz Antônio, bravo lutador que não envelheceu nos seus ideais*.

No panorama das letras norte-rio-grandenses ele deveria sempre ser chamado assim: Professor Luiz Antônio, por honra dos seus merecimentos como educador, pois embora tenha sido um grande humanitário médico, cujo consultório nunca bateu as portas aos que a ele recorriam, em horas aflitivas, ele foi, sobretudo um mestre de gerações, um senhor da cátedra, aquele que vem, em verdade, se pode chamar de o professor ideal. Luiz Antônio era, evidentemente, uma tentativa da natureza, tentando explicar as razões da predominância do homem sobre o meio. (NONATO, 1976, p. 137).

Nas reminiscências do historiador Luís da Câmara Cascudo, ele era um “Homem de pequena estatura, maneira simples, de riso acolhedor, destacou-se, sobretudo, como Professor e Médico. Mestre brilhante pela exposição correta e erudita, austero e justo, foi educador de gerações de potiguares” (1989, p. 172).

Em sua obra *O tempo e eu* recorda seu ex-professor de História Natural no Atheneu Norte-Rio-Grandense, com o capítulo intitulado professor Luiz Antônio:

A face larga que o leve em seu constante sorriso iluminava de simpatia e acolhimento, com o travo incontido da ironia letrada e sutil, a gesticulação meridional, desenhandando o motivo fixado, era incapaz de imobilidade, de desinteresse, de alheamento ao solidarismo moral, força em perpétuo dispositivo de ação. A influência sobre os alunos foi notável. Foi, sobretudo, o orador, o dono da palavra fácil, fluente, oportunamente empolgadora, acentuada pela mímica complementar [...] a cultura não era alta nem sólida. Era suficiente, feita de intuições geniais de um talento em constante efervescência. (CASCUDO, 1997, p. 112).

No artigo *Histórias que não estão na história*, José de Anchieta, evoca-o “se em uma de nossas praças alguém tivesse a ideia de erguer um busto do Drº Luiz Antônio dos Santos Lima com certeza não faltariam pessoas para ajoelhar-se e acender velas votivas ao pés da estátua do médico caridoso que, em vida, foi um João Maria da Medicina” (FERREIRA, 1983, p. 42).

Seu amigo de longas datas, José Tavares da Silva menciona como:

Cônscio de seus deveres e responsabilidades, excelente didata e senhor dos mais modernos conhecimentos de pedagogia em seu tempo, marcou uma época no desempenho de suas atividades docentes, distingindo-se entre os professores que maiores e melhores serviços prestaram ao ensino primário de sua terra. (SILVA, 1968, p. 173).

Em homenagem ao centenário de Luiz Antônio dos Santos Lima, o pernambucano Nilo Pereira escreve uma correspondência sobre essa personalidade, datada no dia 27 de setembro de 1990. No periódico da *Revista Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, é publicada:

Na crônica do nosso cotidiano ele se destaca como homem público de largos serviços à coletividade. Aqui deixo a minha homenagem a esse vulto da ciência, da política, do jornalismo, da oratória, que foi também um padrão da dignidade humana. (PEREIRA, 1990, p. 128).

Enélio Lima Petrovich, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte/IHGRN e sobrinho-neto de Luiz Antônio dos Santos Lima, descreve-o “Filantropo, modesto e culto, eis as três características de sua personalidade. Nos lauréis dos valores humanos a sua figura se perpetuará como afirmação da inteligência, da cultura e do patriotismo.” (PETROVICH, 1961, p. 1).

No periódico *A República* (1923), o professor Alfredo Simonet, registra a vida de Luiz Antônio através do poema *Comboieiro*

Por essa estrada nua e tortuosa
transpondo o valle, cavalgando a serra,
passas cantando uma canção saudosa
inculto comboieiro de minha terra...
Alma irmã de minh'a ma onde se encerra
toda a esperança no labôr dictosa,
vaes conquistando nessa crua guerra
da existencia voraz espinho e rosa !...
A tua vida igualo, na leveza,
ao druida, que dentro á natureza
celebrava seu culto divina...!
Vives risonho sem nenhum cuidado
trazendo luz, conforto, ao povoado
no teu mistér sublime e original !...

Essas são as vozes dos contemporâneos que nos revelam um pouco das brumas de um passado. São falas que pouco a pouco trazem à tona as vivências do intelectual Luiz Antônio dos Santos Lima, em diferentes lugares e situações.

“[...] é preciso uma pedagogia escolar conforme a Higiene do trabalho intelectual da infância, esta pedagogia deve ser determinada pela colaboração do psicólogo, do fisiatra e dos membros de ensino”.

Lima (1927, p. 9).

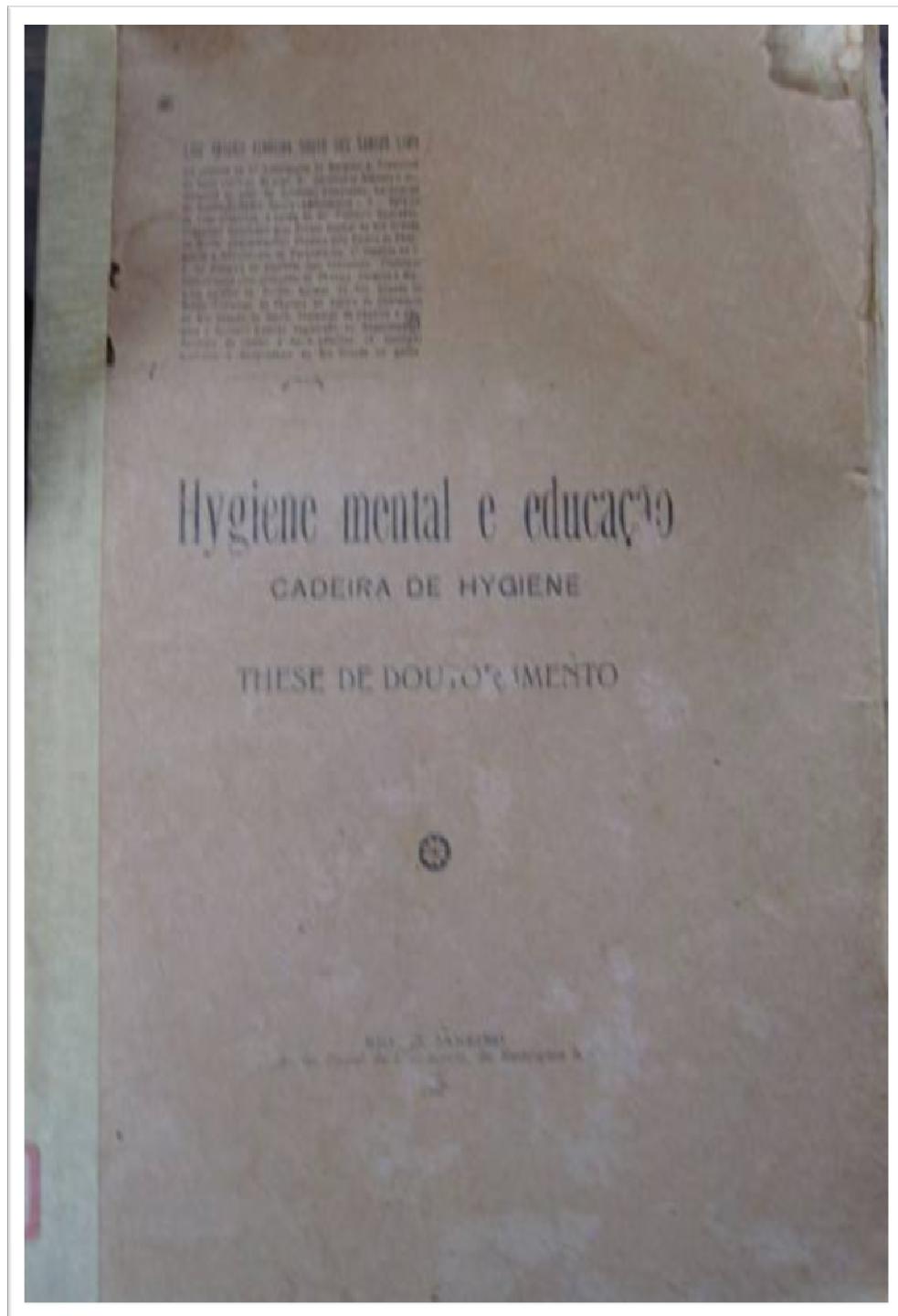
No projeto amplo das reformas republicanas, a proposta do movimento social estava voltada para a educação higienista, no final do séc. XIX e nas primeiras décadas do séc. XX, através da disseminação de novos hábitos de saúde para as intervenções educacionais no cotidiano. A escola era o local de adequação de processos produtivos para forjar cidadãos civilizados.

O projeto de educação escolar tinha como objetivo escolarizar e civilizar, assim como a ordem médica tinha que criar mecanismos para a higienização da escola, da família e da cidade, haja vista “que o programa escolar codificado no ambiente médico foi irradiado para além das instituições e da comunidade médica, em seu sentido mais estreito, sendo apropriado e tendo sido transformado em práticas pedagógicas” (GONDRA, 2003, p. 485). Práticas essas perceptíveis ao modelo escolar no que concerne à distribuição de tempo, das práticas de ensino, classe, rotina; mecanismos de controle, como: o material, os métodos de ensino e o mobiliário escolar, entre outros. Segundo Herschmann (1996, p. 66) esse ideário permitiu que “os modelos e as representações promovidas por estes campos fossem implementadas como normas, leis, enfim práticas que permitiriam colocar em ação o projeto pedagógico do Estado”.

Dentro desse contexto histórico e social, em 26 de abril de 1927, Luiz Antônio dos Santos Lima defendeu a sua Tese de doutoramento em Medicina, intitulada *Higiene Mental e Educação*, para a cadeira de higiene propondo novos princípios e métodos através de seus ideais para a educação e a higiene, com o objetivo de modernizar as ações até então desenvolvidas na área educacional. Na referida obra, o autor evidenciava a preocupação com as questões relativas à educação no interior das razões médico-higiênicas no que concerne a educação higienizada em busca da formação de bons hábitos. “O ramo da medicina que se ocupou da descrição e redescrição dos objetos sociais, em conformidade com os cânones dessa ciência, foi designado como Higiene” (GONDRA, 2003, p. 521).

A Tese contém 178 páginas. O seu conteúdo está subdividido em três capítulos, sendo estes: *o Capítulo I, sobre as generalidades; o Capítulo II, as iniciativas práticas e o Capítulo III, as conclusões e a bibliografia*. Nas entrelinhas da Tese, Luiz Antônio dos Santos Lima aborda a temática sobre a higiene mental e a educação, destacando a intervenção de algumas medidas necessárias para a escola primária e a formação dos pais no tocante à formação sadia das crianças.

Foto 27 – Tese de Doutoramento em Medicina, intitulada *Higiene Mental e Educação* (1927).



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (2011).

Esse material impresso de símbolo e formalidade para obtenção do título de doutor em Medicina para a cadeira de higiene, possibilita evidenciar a sua prática como professor primário na qual antecedeu e sucedeu a sua formação de médico em torno de um ideário nacional de regeneração da sociedade, em consonância as inovações das práticas produzidas nas escolas com a instalação de novos comportamentos, nas primeiras décadas do séc.XX.

Nos dois primeiros capítulos da tese *Higiene Mental e Educação* (1927), Luiz Antônio dos Santos Lima traz a discussão sobre a educação e a higiene mental com o olhar voltado para as crianças no âmbito escolar, além de alguns princípios à adoção da Educação Sexual, do ensino antialcoólico, do ensino antitabagismo, as seleções das aptidões e a promover a campanha moral contra o jogo. Ainda, menciona os processos da escola única e defende a higiene mental e a psicologia para constar como ensino obrigatório nas escolas normais. E, por fim, no terceiro e ultimo capítulo faz as suas considerações em torno da educação enquanto uma aplicação prática da higiene e profilaxia mental como esta o é da psicologia experimental.

Para a análise do discurso presente na sua Tese, faz-se imprescindível retratarmos um pouco sobre o contexto da época no que diz respeito ao espaço de formação e de discussão sobre a redenção da sociedade brasileira. O Estado do Rio de Janeiro foi o local de constituição e legitimação desse campo, visto que no final do séc. XIX e nas primeiras décadas do séc. XX era o cenário de representação do projeto nacional que emergia através do discurso reformador dos profissionais de diversos campos.

Sendo, capital, a cidade apresentava-se enquanto lugar simbólico capaz de materializar e expressar os conteúdos constitutivos de um modelo de sociedade pelo qual se pretendia inserir o Brasil no conjunto das nações civilizadas. (HERSCHMANN, 2006, p. 8).

Discurso esse, legitimado pelas intervenções dos profissionais do campo educacional, médico e da engenharia, sendo estes considerados como os sujeitos da racionalidade científica. Entre esses agentes sociais, Luiz Antônio dos Santos Lima, destacava-se contribuindo para a área educacional e difusão de ideais higienistas.

As medidas saneadoras de educação integral se constituía pelo discurso médico por meio de dois dispositivos ativados pela legitimação desse campo, sendo estes: a criação da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro e as teses produzidas pelos profissionais do campo médico. Esse corpus discursivo que é

Ativada como disciplinarização do corpo, da inteligência e da vontade, essa ‘educação integral’ desdobra-se, [...] em múltiplos dispositivos de constituição das práticas educativas. E é nesses dispositivos que uma pedagogia se constitui como ‘educação do corpo’, ‘ginástica da vontade’ e “disciplina da inteligência”. (GONDRA, 2004, p. 15).

As perspectivas do projeto médico-higiênico, para se construir no Brasil uma sociedade higienizada, estavam sob o manto da Higiene, com base no auxílio da organização escolar. Sendo necessário “[...] para tanto, um exame de características da razão médica, sua institucionalização, seus agentes, bem como a produção discursiva voltada para modelação do objeto educacional [...]” (GONDRA, 2003, p. 519).

Esse modelo de organização escolar se configurou como projeto de educação voltado para a saúde, sendo este considerado o pilar da regeneração da população brasileira. A organização do período republicano vivencia o movimento higienista, no qual buscavam, além de divulgar noções de saúde pública, imprimir o espírito de cordialidade, combater a apatia, a morosidade e os vícios como o alcoolismo. Desse modo, a educação escolarizada era encarada pelos dirigentes como um veículo de mudança comportamental. A escola seria o lugar onde além de se ensinar os conhecimentos eruditos, se ensinava, também, os modos urbanos e higiênicos de viver, imprescindíveis ao homem moderno.

Esse movimento surge na primeira metade do século XIX, quando os governantes dão maior atenção à saúde da população da cidade. A doença era considerada um fenômeno social que abarcava todos os aspectos da vida humana. Era necessário manter as condições de salubridade no ambiente, como o tratamento de água, de esgotos, iluminação nas ruas e o controle de epidemias.

Assim, com o movimento da matriz higienista a Medicina deveria penetrar no seio da sociedade, considerando o meio urbano como alvo de sua reflexão e prática. É nas primeiras décadas do século XX, que eclode no Brasil um verdadeiro movimento pela saúde. Sendo este desenvolvido por meio de “[...] ações de higiene e saneamento, fundadas nas novíssimas descobertas da microbiologia e da bacteriologia no conhecimento médico e implementadas pelas políticas públicas.” (BOARINI, 2003, p. 45).

Nesse contexto, há a necessidade da construção de uma pedagogia científica, moderna e experimental. Para tanto, mobilizaram uma reunião de intelectuais de diversas profissões pela causa do movimento educacional, com o intuito de reformar os serviços públicos, a modernização do país e a ampliação de possibilidades de participação política e atuação profissional. Dentro desse movimento, a saúde é compreendida como um grande

instrumento na campanha de regeneração nacional, através da aplicação de alguns princípios higiênicos às instituições escolares.

Com o advento da Medicina Social, o homem passa a ser visto não só como individualidade, mas também como população vivendo em sociedade que age sobre o meio, modificando-o. Dessa forma, o ramo da Medicina caracteriza-se como sendo preventiva. Diante disso, o médico assume o papel de controlador do espaço no qual o homem está inserido, como aquele que protege para o bem estar físico e moral. Enquanto que o Estado é o encarregado pela saúde de toda a população, tornando uma sociedade passível de regulamentação médica.

Por meio do crescimento urbano emerge a necessidade de espaços projetados pela medicina, sendo estes: hospitais, escolas, fábricas, prisões, cemitérios, etc. A escola como instituição passa a ser analisada sob o viés da medicina, visto que recebe críticas dos médicos com relação às condições para o desenvolvimento integral das crianças. Nesse sentido, critica-se a ênfase no uso de livros, sendo a educação do corpo desprezada.

Desse modo, os médicos e os educadores higienistas passam a se preocupar também com a localização desse espaço urbano, conforme fica claro no projeto de uma escola modelo proposto por estes profissionais.

[...] que ela se localize de preferência nos arrabaldes das cidades, sobre colinas, distante de mangues, das praias imundas e dos montes; que se edifique sobre um terreno refratário à umidade, em local arejado e ensolarado, com ruas largas e asseadas; que o seu meio ambiente, afastado dos vícios de conduta e de higiene da cidade, permitia o desenvolvimento da saúde física e moral das crianças (MACHADO, 1978, p. 298-299).

Com esses cuidados, identificamos uma nova escola a ser estruturada. A intenção era que a instituição de ensino se localizasse fora da área do centro da cidade para que os educandos não sofressem influências perniciosas, haja vista os altos índices de mortalidade da população infantil que estava intimamente relacionada às condições sociais do meio, incluindo a má situação econômica, a ilegitimidade dos filhos, a má ventilação das habitações, estas precárias das condições higiênicas. Os fatores sociais e constitucionais intervém, portanto, na evolução normal da criança. Esse espaço era visto como uma pequena cidade onde os indivíduos são inexperientes e ainda ignorantes. Por isso, a importância da escola ser higienizada e, através dela, o corpo.

A ignorância é, pois, o argumento fabricado e mobilizado de modo a fornecer legitimidade para as intervenções na esfera educacional, realizadas em nome e em favor da ordem médica, que interferirá nas representações acerca da infância, da família, da casa, da escola e dos mestres (GONDRA, 2003, p. 526).

Sobre a educação do povo, Miguel Couto (1927, p. 19) enfatizava que era o nosso primeiro problema nacional:

[...] porque o mais urgente; primeiro, porque, o mais urgente; primeiro salve todos os outros; primeiro, porque, resolvido, colocará o Brasil a par das nações mais cultas, dando-lhe proventos e honrarias e lhe afiançando a prosperidade e a segurança; e, se assim faz-se primeiro, na verdade se torna o único.

Tanto é verdade que J. Sandoval (1917, p. 14), registrou esse momento educacional no poema *InSTRUÇÃO!*, publicado na revista de Ensino:

Aguia de luz, pairando agora altiva
Sobre este grande e fértil continente!
Representas o braço resistente
Libertador desta nação cativa!

Desce, no assombro desse porte ingente,
Arranca em nós a mácula opressiva...
Queremos ter a pátria rediviva
Sob as carícias do teu voar fremente

Vem em favor dos nossos netos, pois...
Livre-a todos dessa tirania
Que a escuridão dos tempos nos impôs!

Deste Brasil a ignorância lava...
És a única carta de alforria
Desta nação secularmente escrava!

Como é retratado no poema, difundia-se o movimento nacional contra o analfabetismo no qual procurava disseminar a instrução pública por todos os cantos da nação. Para Carvalho (2003, p. 227), nessa nova lógica “[...] o analfabetismo é alçado ao estatuto de marca da inaptidão do país para o progresso.” Combatê-lo seria prioridade nas providências da reforma educacional.

No Rio Grande do Norte, a luta contra o analfabetismo se destacava com as discussões de educadores e dirigentes envolvidos com a instrução pública no país. A exemplo

de Manuel Dantas, que declarou: “Não sei se nouros Estados, observa-se o mesmo fenômeno, mas, no Rio Grande do Norte, a luta contra o analfabetismo vai se tornando tenaz e constante.” (DANTAS, 1917, p. 1). Para divulgar a ideia de progresso, expressões como “Combater o analfabetismo é dever de honra de todo brasileiro” tomavam conta das páginas dos jornais. (COMBATER..., 1917; 1918; 1919). Sobre isso, afirmava Lima (1927, p. 24).

[...] a escola primária vai invadindo cidades, vilas e povoações, realizando a obra gigantesca da alfabetização da nossa gente e da sua iniciação nos postulados elementares da Higiene. Está, pois, reservada a ela, pela sua vastidão e pelo seu prestígio, uma função capital na consecução da obra educativa nova, sob os auspícios da Higiene mental.

Lima (1927) destacava a necessidade da reforma integral em relação à aparelhagem didática no Estado do Rio Grande do Norte. Para ele, a medida inicial seria a decretação da obrigatoriedade do ensino. A esta se seguirá a escola primária, com os seus três cursos – infantil, elementar e complementar – abrangendo o espaço de 7 a 12 anos. Sendo assim, compreendia que:

Por outro lado a pobreza ou a ignorância dos pais, na ausência da providência legal da obrigatoriedade do ensino, redunda no abandono de grande massa de crianças dessa idade à sequência natural do processo evolutivo, sem a assistência médico-pedagógica que era para desejar, em fase tão aproveitável de sua formação mental. (LIMA, 1927, p. 24).

Diante disso, Luiz Antônio dos Santos Lima criticava o funcionamento das aulas nas casas dos professores, “aqui, como por vários Estados, ainda perdura o desagrado sistema de funcionar a escola numa sala da residência do professor, com uma miserável tabuleta que lhe indica a sede, entre a uniformidade do casario ordinário.” Tal funcionamento acarretava problemas tanto de ordem administrativa quanto de ordem pedagógica, como a precariedade da estrutura física e de higiene e a falta de professores qualificados.

Sendo assim, acreditava que duas providências teriam que ser tomadas nesse caso: a construção de escolas e o melhoramento da renumeração do professorado. A primeira faria cessar o funcionamento dos dois turnos e do desdobramento dos horários, dando acesso a número maior de crianças; a segunda obrigaria o professor a consagrar-se exclusivamente ao seu mister, sem necessidade de procurar, em outro ramo de atividade, com que completar a sua receita deficiente.

Sob essa perspectiva, analisada sob a manta da medicina, a criança é o objeto privilegiado dessa ciência. Portanto, “dos cuidados com esta etapa dependem as outras etapas da vida.” (MACHADO, 1978, p. 298). Sendo assim, a criança passa a ser alvo de transformações, concomitantemente, a escola também é alvo de modificações. Para tanto, os médicos propõem uma nova instituição a ser estruturada no que se refere à organização de um novo programa a ser seguido por meio de novas rotinas estabelecidas. A educação da criança considerava “seus modos naturais de desenvolvimento e os processos melhor adaptados a disciplinar-lhe acertadamente as faculdades.” (CALKINS, 1950, p. 29).

Sobre os horários e as rotinas desenvolvidas nas instituições escolares, Lima (1927, p. 102) acreditava que não se podia exigir na fase da escolaridade mais do que o seu trabalho escolar:

Quatro horas de atividade, física ou mental e física e mental simultaneamente, já são uma tarefa suficiente para organismos naquela fase de vida. Se atentarmos em que esse trabalho é antes de estímulo e de orientação a faculdades e funções, que se desenvolvem ao ritmo do crescimento, mais soma de razão nos advêm.

Portanto, Luiz Antônio criticava a adoção do desdobramento dos horários das escolas isoladas em alguns Estados, ao afirmar que eram locais onde se acentuava maisativamente esse caráter de apressamento mutilador. Para Peixoto (1935, p. 367-368) “[...] cada criança deveria ser educada a seu jeito, segundo as suas possibilidades, por um pedagogo avisado e sem programa, que o fosse fazendo, de acordo com as necessidades de cada caso.” Lima asseverava que a tarefa da higiene mental consistia em indicar o grau de fadiga das matérias do programa, a colocação dos horários no dia, a distribuição e sequência das disciplinas, duração das horas de trabalho proporcional à capacidade dos educandos.

Ainda, acentuava que:

[...] o concreto, o sensorial é menos dispendioso que o abstrato. São observações importantes na confecção dos horários em benefício da higiene mental do aluno. Daí a exigência da higiene mental em colocar na segunda metade do dia as disciplinas que implicam menor esforço intelectual. (LIMA, 1927, p. 127).

Sob essa perspectiva, o professor deveria conhecer os sinais de fadiga dos seus alunos no que concerne aos exercícios intelectuais como também às atividades físicas. Sendo assim, Peixoto (1935, p. 369-370) afirma que a fadiga deve ser evitada higienicamente:

[...] a fadiga mental influí deste modo sobre o físico do aluno. [...] Portanto, a fadiga é um mal físico e mental a evitar pelo desarranjo que produz a saúde, é um mal pedagógico que pode anular não só a disciplina educativa, como o próprio endereço da educação.

Nesse sentido, a Instrução Pública voltava-se para a formação do novo cidadão que se construía através da organização escolar na qual estava submetido. A preocupação com o homem brasileiro saudável estava relacionada às ameaças que se apresentavam na sociedade, como as chamadas degenerações sociais, o alcoolismo, os distúrbios mentais, tuberculose e as doenças venéreas.

A difusão dos ideais higiênicos nas escolas tinha por objetivo um projeto educativo amplo, através da instalação de bons hábitos e comportamentos que formassem homens para a sociedade, aperfeiçoando-os a partir de rígida disciplina fundada nos preceitos higienistas. Segundo Lima (1927) estes hábitos consistem na metodização da alimentação, do asseio, da disciplina, entre outros cuidados para a formação sadia dos alunos.

Na expansão da medicina, para formar novas gerações seria necessário uma intervenção tanto no espaço público da escola como no espaço privado da casa. “Pais e mestres constituem-se, portanto, nos principais destinatários das prescrições médicas quando se trata da educação.” (GONDRA, 2003, p. 525).

Com relação à essa intervenção, Luiz Antônio defendia:

Descurados do lar, se não orientados nos jardins de infância e escolas maternais, cabe à escola primária a correção e formação dos hábitos numa idade que, bem aproveitada, pode restringir as consequências do aproveitamento da fase mais própria e mais útil. [...] é evidente a necessidade improrrogável de preparar as mães para exercer sobre esses plásticos, a influência norteadora dos bons hábitos, pois que nisso se resume a vida deles. (LIMA, 1927, p. 57-59).

Para Elias (1994, p. 271) este processo é efetivado na atuação dos pais que conferem aos filhos por meio de gestos e palavras algumas restrições, medos, normas e comportamentos que fosse mantenedores da posição social ocupada por tais indivíduos, que seriam “desde cedo inculcados na criança pelo comportamento dos pais e educadores.” Desse modo, os valores essenciais exigidos na vida coletiva eram fixados com antecedência na educação da criança, por isso a importância da preparação dos pais, especialmente das mães, para o exercício da educação das crianças.

Em matéria de educação materna, as escolas para as mães advindas da obra educacional americana consistiam em centros de treinamentos para aprendizagem na preparação da vitalidade triunfante de seus filhos. Os cursos abrangiam tudo sobre o que a mãe precisava ter em relação aos conhecimentos sólidos, desde a alimentação própria e o vestuário para as crianças até a psicologia infantil.

Os cuidados da vestimenta higiênica das crianças, o treinamento das mães quanto à quantidade e à qualidade das roupas em todas as estações e nas diversas idades, as instruções práticas quanto à confecção dos vestuários infantis; os problemas salientes da alimentação, abrangendo as rações diárias, a organização dos <menus>, o valor do leite na economia orgânica, horas de diversões e de exercícios, seja quanto ao ponto de vista do mais conveniente, seja quanto à escolha daqueles de mais acentuado caráter educacional; a escolha de jogos infantis antes da época escolar, os quais possam aliar o lado higiênico com os ensinamentos elementares de geometria, história, geografia, ciências práticas, etc, afinal, o desenvolvimento normal dos órgãos contribuindo ao desenvolvimento mental – tudo isto tende a exercer uma influência tão profunda nos destinos da América que quaisquer sacrifícios feitos amadurecerão em frutos de uma produtividade espantosa. (DANTAS, 1922, p. 46).

As mães eram ensinadas não só através das palestras de autoridades médicas, mas também pela instrução aplicada a cada fase da vida infantil, começando com o estudo da influência pré-natal. Cumpre, antes de tudo, capacitar a mulher para preencher essa finalidade, acordando-lhe o instinto da maternidade, que parece adormecido, desvendando-lhe todo o pequeno mundo de alegrias perfeitas que se desdobra na vida das crianças. Para o educador norte-rio-grandense, as “escolas domésticas” e as “escolas de mães”, instituições destinadas a dotar as mulheres das noções de higiene e profilaxia mental para aplicação na primeira fase da vida de seus filhos, devem ser disseminados por todo o país. (LIMA, 1927, p. 173).

Das primeiras foi fundada uma em Natal, capital do Rio Grande do Norte, em 1914, denominada Escola Doméstica. A referida instituição era destinada à formação de donas de casa, tendo por modelo as Escolas Ménagères da Suíça, da Alemanha e da Bélgica. As matérias estudadas no educandário contemplavam as orientações desde o arranjo da casa até a administração dos bens, desde o conhecimento das línguas vivas até o estado de humanidades, desde a criação da criança no berço até o auxílio eficaz ao homem na grande luta da vida. Sobre essa instituição escolar, Lima (1927) asseverava que é um estabelecimento complexo, em que as moças recebem aprimorada educação social e moral, física e intelectual.

A escola destinava-se à educação da elite feminina das populações do interior e, em vista da renumeração do seu ensino, fugia do alcance das classes menos favorecidas da fortuna, a que urge ainda mais instruir. “Em todo caso, quem conhece a influência daquelas sobre as populações rurais poderá aquilatar o benefício que advirá do seu preparo e bem dirá a disseminação dessas escolas por todos os Estados.” (LIMA, 1927, p.18).

O curso completo era de seis anos, sendo dois destinados quase exclusivamente ao preparo intelectual e quatro à continuação do mesmo preparo e aos estudos de caráter técnico. Figuravam no programa as aulas de medicinado lar, inclusive higiene mental e puericultura. A escola recebia crianças de dois a cinco anos para a creche, onde as alunas do 4º ano doméstico, guiadas por uma enfermeira diplomada, acompanhavam a evolução físiopsíquica das crianças internadas.

Em palestra realizada no ginásio da Escola Normal de Natal, o diretor da instrução pública do Estado, Manuel Dantas (1919, p. 1), relatou:

Estudada e bem compreendida a Escola Doméstica, não haverá localidade no Brasil que deixe de criar e manter a sua, porque a felicidade de um povo repousa, principalmente, na boa organização da família e a alma da família é uma boa dona de casa. Preparar uma boa dona de casa é não só um dever como uma utilidade para todos os povos que não quiserem ficar atrás no grande avanço do progresso.

Tratava-se de uma instituição voltada para a formação de uma das mais importantes prerrogativas da maternidade, a criação racional dos filhos. Com isso, identificamos a forte presença do discurso de racionalidade propagado na época, onde legitimavam medidas de controle e intervenções regenerativas “como um único meio de se chegar a uma sociedade evoluída e civilizada.” (HERSCHMANN, 1996, p. 57).

Para Lima (1927, p. 24), a disseminação desses institutos sob as orientações dos serviços de higiene mental, “seria um serviço de incalculável benemerência, que está a desafiar a iniciativa pública e privada.”

Lima (1927) acentuava que era também papel dos mestres desenvolverem uma segunda natureza na criança, aproximando-se das ideias do pensamento rousseauiano (2004) para a educação do Emílio. “O que visa o educador é corrigir uma natureza hereditária, má, criando o hábito que é, no velho conceito popular, uma segunda natureza boa.” (LIMA, 1927, p. 59). Esta concepção aproxima-se do conceito de *habitus*, postulado por Elias (1994),

compreendido como a incorporação do social pelos indivíduos, haja vista que os processos sociais e as ações dos seres humanos são singulares e inseparáveis.

Nessa perspectiva, o trabalho com a higiene mental assumia as dimensões da prevenção e da correção de desvios do comportamento humano. “Ela estuda o desenvolvimento e formação de hábitos na primeira e segunda infância, acompanha o escolar no período da escola primária, assiste o desabrochar da adolescência, prepara o jovem ser para a perfeita adaptação à vida adulta.” (RAMOS, 1954, p. 21).

Luiz Antônio considerava que a fase da adolescência era o período mais proveitoso no que diz respeito às influências sobre os bons conselhos em relação à moral e à higiene. Portanto, “assim como os maus processos pedagógicos podem influenciar na gênese da degeneração mental, assim também a boa orientação impressa à educação de uma criança pode salvaguardá-lo do desequilíbrio psíquico.” (1927, p. 25).

As orientações e os encaminhamentos da higiene mental, pela mediação escolar, deviam ser iniciados na pré-escolaridade com a fundação das “escolas maternais”, “jardins de infância” ou nas “casas das crianças.” (LIMA, 1927, p. 173). Segundo o médico Aberlado Melo (1951, p. 7) em publicação na revista *Pedagogium*, “são os jardins de infância que devem abrigar educativamente a criança pré-escolar e que devem encarregar-se da realização da campanha de sua higiene mental.” Os jardins de infância tinham a função de educar não de instruir, formar bons hábitos, desenvolver o senso de sociabilidade.

A formação dos hábitos se inicia no lar, se reforça nos estabelecimentos pré-escolares e se remata na escola, simultaneamente com a repressão sistemática as más tendências e inclinações. Era preciso “conservar normal a criança normal e ajustar a criança desajustada.” (RAMOS, 1954, p. 21).

O educador e médico higienista potiguar apontava que a formação dos hábitos se dava pela repetição do estímulo exterior. Nessa perspectiva, era necessário, “procurar desde a infância, compor os ‘reflexos condicionados’ em harmonia com o meio social e, nos casos de inadaptação, empenhar-se em procurar as inibições que entravam igualmente o progresso e o desenvolvimento dos bons hábitos necessários à saúde psíquica.” (LIMA, 1927, p. 16).

No tocante às escolas primárias, Luiz Antônio defendia como indispensável as noções básicas de higiene mental e psicologia infantil para constar nos programas curriculares dos professorados da Escola Normal de Natal.

Reconhecido como está, que a educação de que a escola se incumbe quase que exclusivamente, tratando-se dos filhos das classes médias e das classes pobres, é uma aplicação ciente e consciente da Higiene Mental, como esta o é da psicologia experimental, é da mais absoluta impescindível que nos programas das escolas normais, que tem a seu cargo a preparação do professorado, sejam contemplados os conhecimentos de higiene mental, ao lado dos outros que concorrem à formação literária e técnica dos profissionais do ensino. (LIMA, 1927, p. 142).

Na Escola Normal de Natal as noções de higiene mental aos futuros professores eram vistas na disciplina de Pedologia – ciência que investiga as leis e fenômenos aplicáveis às crianças e enfoca a visão acerca dos aspectos de diferenças e individualidade – e Psicologia Infantil. Conforme está expresso no artigo XIV do regulamento da Escola Normal, fazer conhecer-lhe a índole, mentalidade, inclinações e aptidões próprias, e transmitir as leis da sua evolução Fisió-física, as conquistas da Pedotecnia sobre as crianças regulares, anormais e retardadas. (Decreto n. 161, de 7 de janeiro de 1922). “Provido, é certo, de diminutivo material, o ensino é feito, entretanto, com todo o carinho do docente, que se esforça por levar aos alunos a convicção imensa da importância desses conhecimentos.” (LIMA, 1927, p. 143).

Segundo Lyra (1946, p. 53) os rudimentos de higiene ministrados na Escola Normal habilitavam o professor primário, no Rio Grande do Norte, a ensinar as crianças hábitos sadios e propagar o inestimável bem da vida que é a saúde.

Para o inspetor de ensino, Octaviano Muniz Barreto (1912, p. 1) havia a necessidade de preparar o professorado pela educação normal, com o intuito de trabalhar a evolução nas almas das crianças. “A grandeza da escola depende da orientação normal; sem o cultivo pedagógico, sem essa educação profissional o professor será um magarefe da infância, e jamais um educador de crianças.”

Desse modo, asseverava que:

Precisamos transformar essa escola normal arcaica em um instituto profissional pedagógico, que oriente, que forme a vocação e evolucione no aspirante o dom da profissão, cultivando as aptidões, fornecendo os elementos práticos, graças aos quais o futuro mestre possa cumprir a sua delicada missão. (BARRETO, 1912, p. 1).

Diante disso, era necessário uma pedagogia que contemplasse a formação dos hábitos sadios nas escolas, nos seguintes aspectos: os hábitos morais e os hábitos intelectuais. O primeiro estava intimamente relacionado à faculdade da sensibilidade. Enquanto que o segundo aspecto faz menção ao órgão da inteligência, neste caso o cérebro. Nesse sentido, a

psicologia infantil vai encontrar, na lei do hábito, todo o apoio de que necessita para dar aos que se dedicam à nobre arte de ensinar os estupendos resultados de que é suscetível. O hábito se impõe com o trabalho esforçado e perseverante. O educador e médico higienista potiguar, acentuava como imprescindível “uma pedagogia escolar conforme a Higiene do trabalho intelectual da infância.” (LIMA, 1927, p. 9).

Estes preceitos deveriam ser difundidos nas instituições escolares, particularmente, na escola primária, porque os conhecimentos adquiridos na infância se perpetuam na vida toda. “Quando a gente moça for suficientemente instruída dentro dos preceitos da educação higiênica, a maturidade e a velhice terão assegurados os direitos de uma felicidade integral.” (LYRA, 1946, p. 53).

Sendo a Psicologia o apoio da higiene mental, ligadas à outras ciências como a fisiatria, a moral, a lógica, a antropologia, a sociologia, Luiz Antônio dos Santos Lima enfatizava que em particular, é a Pedagogia a ciência da educação que mais importa nos seus estudos.

Diante do discurso presente na sua Tese, observamos que o educador revelava-se preocupado com a formação física, psíquica e moral dessas crianças, tendo em vista os conhecimentos e os objetos da razão médico-higiênica. Por isso, enfatizava a relevância da relação existente entre a higiene mental e a pedagogia. Segundo ele, a educação é como um conjunto de ações sobre um ser imaturo para apressar e melhorar seu desenvolvimento orgânico e psíquico, a fim de torná-lo apto a viver num ambiente em que se encontra e na sociedade a qual faz parte. Portanto, a educação servia para “apressar, melhorar ou corrigir, mas nunca para produzir”. “Indivíduo orgânico e urbano é o produto da relação eminentemente normalizadora que a medicina estabelece entre a sociedade e a população.” (MACHADO, 1978, p. 281).

Desse modo, acentuavam-se o papel do higienista enquanto sujeito histórico, tendo em vista sua condição como profissional seja este professor ou médico na formação da sociedade republicana. No período Republicano evidenciava-se o ambiente escolar como melhor terreno para a formação de hábitos sadios. Sobre isso, afirma Ribeiro (1993 *apud* CARVALHO, 2009, p. 305) “[...] no campo da saúde, firma-se, a convicção de que medidas de política sanitária seriam ineficazes se não abrangessem a introjeção, nos sujeitos sociais, de hábitos higiênicos, por meio da educação.”

Nesse sentido, é a partir da educação que os preceitos da higiene mental poderão ser aplicados, com o controle do desenvolvimento do ser humano, correção dos desvios e

ampliação das suas virtudes, para a consequente integração desse indivíduo à sociedade. Para Lima (1927, p. 10) a educação assim ressalta a “aplicação prática dos preceitos da profilaxia e da Higiene Mental, superintendendo toda a evolução do ser humano, até integrá-lo, apto e adaptado, na comunhão dos seus pares”. Assim, o higienista mental tem como papel estender suas investigações ao ambiente da escola, pois é nela que se encontra a “idade de ouro” da higiene mental. Sobre essa educação, Warde asseverava que

Primeiro, os estudos pedagógicos são alimentados por várias disciplinas auxiliares; segundo, a prática pedagógica só pode desembaraçar-se do ‘bom senso’ e da doutrina do ‘dom’ se aprender com a psicologia os procedimentos experimentais, bem como o seu objeto e destinatário privilegiado: a ‘criança’. (Apud FREITAS, 1997, p. 325).

A criança é caracterizada como um indivíduo cujo desenvolvimento completo tanto físico como moral ainda não aconteceu completamente, por isso é importante que a “educação da criança comece cedo, desde o berço, pelo menos quanto mais cedo possível”. (LIMA, 1927, p. 15). “Desde cedo se verificou que estava na infância o principal campo da ação da higiene mental. Se esta visa à prevenção das doenças mentais e ao ajustamento da personalidade humana, é para as crianças que se devem voltar suas vistas.” (RAMOS, 1954, p. 20).

Assim, “[...] ao mesmo tempo em que se desenvolve na criança o gosto pelo asseio, pelo conforto, pela decência, procura-se formar bons hábitos mentais, não se negligenciando qualquer dos elementos próprios à garantia de sua solidez física.” (LIMA, 1927, p. 26). Para Peixoto (1935, p. 13-14), a educação se realiza “[...] na escola para aquisição de cultura física e mental.” Sendo assim,

[...] a escola é o meio adequado e eficaz, à maioria do povo. A pedagogia ensina como se o deve conseguir; a higiene intervém para proteger a saúde contra as imperfeições, os excessos e as eventualidades perigosas, capazes de perturbá-lo e mesmo impedi-lo. (PEIXOTO, 1935, p. 356).

Nessa perspectiva, cumpre a Higiene mental vigiar toda essa evolução, intervindo por meio de agentes educacionais, de modo a que ela se desdobre normalmente, sendo evitadas as causas perturbadoras e estimulados os fatores eficientes. Desse modo, as condições de higiene psíquica e social eram preocupações dos higienistas a fim de que protegessem e melhorassem o psiquismo dos indivíduos, contribuindo para a felicidade da

sociedade. A vida mental do indivíduo é uma série contínua de reações a excitantes vindos do ambiente ou de si próprio (LIMA, 1927). Portanto, o ajustamento do indivíduo ao meio social e do educando ao ambiente escolar, se desdobra na saúde mental.

Nesse sentido, Luiz Antônio mencionava que os conhecimentos de higiene mental nas escolas, compreendiam três ciclos: no primeiro ciclo seriam dadas noções sobre diversas funções psíquicas, por meio das preleções, resumos, exercícios sobre elas. Já no segundo, essas noções seriam explanadas e aprofundadas, adicionadas de outras sobre a existência, a natureza, a formação das ideias gerais e dos princípios; o funcionamento do sistema nervoso seria estudado. E no terceiro e último, entrariam a Higiene mental e sua aplicação.

Entretanto, criticava como esse ensino estava sendo desenvolvido nas instituições escolares norte rio grandenses:

[...] em nossas escolas, muitos dos seus ensinamentos andam esparsos nas cadeiras de higiene geral, educação moral, educação física, pedagogia, cumprindo apenas sistematizá-los, enfeixá-los num conjunto que se desdobrasse em ciclos gradativamente mais amplos, com autonomia didática na seriação das matérias. (LIMA, 1927, p. 142).

Outra intervenção educacional sob os estudos da higiene Mental e geral estava relacionada à escola profissional, tendo em vista que deve seguir-se à escola primária e se não confundir com esta. Sob esses postulados, funcionavam as Escolas de Artífices com a finalidade de realizar um trabalho de alfabetização e de melhoramento de nível intelectual dos indivíduos. Conforme Lima (1927, p. 100), esse trabalho tinha o objetivo de despertar a “[...] mentalidade profissional, mostrando o valor econômico, moral e social das profissões, esclarecer crianças e famílias sobre as profissões exercidas na localidade [...]”

O ensino profissional se realizava por meio da seleção de aptidões de uma carreira para um indivíduo determinado. Era papel do professor, os serviços de orientação profissional, com as observações de ordem psicológica nos seguintes aspectos, para a formação da inteligência, da sensibilidade, do caráter, dos conhecimentos escolares, dos trabalhos manuais e as disposições físicas dos alunos.

Tanto equivale a dizer que cumprindo ao professor orientar a formação da inteligência, da sensibilidade e da vontade de seus alunos, ao mesmo tempo que procura dotá-los de um físico normal, cumpre-lhe indeclinavelmente conhecer muito bem os postulados da Higiene mental e da Higiene Geral, a

fim de reconhecer a higidez de todo desdobramento evolutivo, sem a possibilidade de comprometê-lo ou pertubá-lo de qualquer maneira. (LIMA, 1927, p. 141).

Para tanto era necessário levar em consideração as diferenças de aptidões dos indivíduos “[...] porque ir contra o tipo individual é ir contra a natureza. Portanto, “[...] levar em conta as aptidões da pedagogia do trabalho, mas também da educação da vontade” (CLAPARÈDE, 1959, p. 149).

Sob essa perspectiva, Luiz Antônio dos Santos Lima asseverava que o professor primário, tido como exemplo, as funções delegadas aos médicos higienistas, tinha a responsabilidade em seu exercício de agrupar os escolares segundo critérios psicológicos, sendo estes: normais, supranormais, sub-normais e anormais. Sobre isso, Camara (1926, p. 5) acentuava que “o exame e a direção dessas crianças não podem ser feitos, portanto, alternada e separadamente, ora médico, ora pedagógico, ao acaso das circunstâncias, mas, antes, devem ser conjuntamente médico e pedagógico, isto é, médico-pedagógico.” Na realização da classificação por agrupamentos eram feitos testes psicológicos para se medir a inteligência dos alunos.

A verificação da capacidade mental dos alunos era uma questão pedagógica, tanto como higiênica, haja vista que as instituições de ensino propagavam os preceitos sanitários desde o cuidado com o espaço escolar até os métodos instituídos em sala de aula, a fim de que tornassem a educação proveitosa e adequada para cada criança:

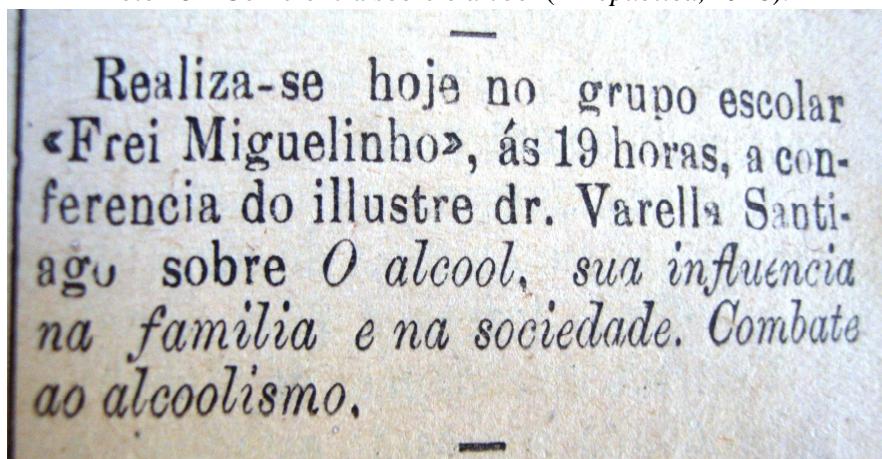
[...] para reconhecimento dos anormaes e distinção dos atrasados pedagógicos, como igualmente, dos supernormaes. É obvio que esta noção deve ser preliminar a qualquer ensino; será como a da terra, onde se vae semear: conhecendo-a, saber-se-á o que lhe convém, como lhe convém, e o que se pode fazer para melhorar as condições más ou deficientes ou ao contrário favorecê-la com a cultura adequada. (PEIXOTO, 1935, p. 377).

Sobre os preceitos do ensino antialcoólico, do ensino antitabagismo, da educação sexual e da campanha moral contra o jogo, evidencia-se no seu discurso um combate aos vícios e flagelos, que destroem e corrompem a saúde e a moral do homem. Sobre isso, Andrade (1855 *apud* MACHADO, 1978, p. 297) ressalta “transformados os hábitos e fortalecidos as constituições, nesta idade cera em que todas as sensações, boas ou más, ficam tão profundamente gravadas, tornar-se-á possível uma sociedade futura moral e fisicamente mais sadia.”

Nas publicações do Jornal *A República*, evidenciamos uma forte campanha contra o alcoolismo enquanto grande mal da degeneração nacional. Por tratar-se de um cranco moral e social que, em semelhança aos tumores malignos corroem a carne humana. Expressões como “Guerra ao álcool como o grande inimigo da Pátria”, são aludidas nas páginas desse periódico. (GUERRA..., 1919, p. 1).

Assim como nos periódicos, os dirigentes do ensino público no Estado promoviam nos educandários essas campanhas, através das conferências proferidas pelos médicos potiguares. Como podemos observar, a imagem da notícia sobre uma palestra a respeito dos males do álcool realizada no Grupo Escolar “Frei Miguelinho”, ilustra bem o cuidado com a formação de hábitos sadios para a regeneração da humanidade que se pretendeu implantar com o discurso higienista da educação civilizatória, no alvorecer republicano do Brasil.

Foto 28 – Conferência sobre o álcool (*A República*, 1918).



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (2011).

Contra as intoxicações viciosas, “[...] além da propaganda higiênica, há principalmente a educação, que deve ser o grande recurso salvador” (PEIXOTO, 1935, p. 32). A campanha antialcoólica é talvez a mais benemérita das cruzadas higiênicas. Lima (1927) enfatizava que a educação antialcoólica convém ser ensinada desde os primeiros anos até o momento de tornar-se o indivíduo capaz de orientar o seu raciocínio (conselhos práticos, etc.). A influência tóxica aqui mais nefasta ainda é a do álcool. Esta desencadeia o orgulho patológico, a desconfiança, a suscetibilidade, a insociabilidade. Para ele, os ensinamentos contra o males do álcool deveriam ocupar nas escolas um lugar não acessório, mas estar no mesmo plano das disciplinas.

Esse ensino pode se fazer por dois processos. São estes: Pregação anti-alcoólica e Instrução intuitiva anti-alcoólica. A primeira é feita nas conferências, nas lições de moral, higiene, nos cartazes, nos livros, nos folhetos, nas sentenças para modelo de caligrafias, etc. Consiste principalmente em aconselhar não fazer o uso de bebidas porque faz mal. Já a segunda trata-se de uma disciplina que terá, assim como todo ensino intuitivo seu programa organizado, com todo material pedagógico indispensável aos sentidos escolares, na verdadeira compreensão de um processo intuitivo. (LIMA, 1927, p. 76).

O método de ensino difundido na época era o Intuitivo. Desde a década de 1870, as críticas à instrução popular indicavam a necessidade de uma escola primária que em tudo se diferenciasse da escola de primeiras letras existentes. A escola popular, instrumento de reforma social, deveria ser totalmente renovada de acordo com os padrões educacionais considerados os mais modernos na época. O método intuitivo foi o símbolo dessa renovação e modernização do ensino. (SOUZA, 1998).

A Lei Orgânica do Ensino estabelece que nas instituições de ensino primário, as lições serão, sobretudo, práticas e concretas. “Os professores as encaminharão de modo que as faculdades do aluno sejam incitadas a um desenvolvimento gradual e harmônico, cumprindo ter em vista o desenvolvimento da faculdade de observação, empregando-se para isto processos intuitivos.” (LEI n. 405, de 29 de novembro de 1916, p. 44).

Tal método consistia “[...] na valorização da intuição como fundamento de todo o conhecimento, isto é, a compreensão de que a aquisição dos conhecimentos decorria dos sentidos e da observação.” (SOUZA, 1998, p. 159). Nesse sentido, o ensino deveria partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato.

Lima (1927) criticava o uso excessivo das consagrações livrescas na formação dos normalistas, sem a imediata utilização e aplicação pedagógica dos métodos, formas e processos de ensino às escolas modelos. Para ele, os docentes enveredavam pelo caminho mais curto e menos estafante, prestigiada pela “experiência dos mais velhos e dos inimigos das inovações do modernismo”. Sobre isso, o educador exemplifica ao afirmar que o ensino da aritmética perde todo seu interesse, dado sob a forma abstrata, sem o recurso fácil e prático do problema, cuja ação sobre o raciocínio jamais pedagogo algum colocou em dúvida. “A escola, entre nós, está morta; despreza a formação do caráter, a influência na vontade, nos sentimentos altruísticos na criança; porque o fim desta vetusta pedagogia que faz o mestre-escola arcaico, é ensinar o menino a ler e escrever.” (BARRETO, 1912, p. 1).

Sobre a relevância do uso do método intuitivo pelos professores das escolas primárias, Lima (1927, p. 101) asseverava:

É ai que estão enumerados os assuntos sobre animais, plantas, minérios da região, onde está encerrada a escola, sobre produtos da sua indústria, grande ou pequena, meios de melhorá-las e regras para higienizá-las com a recomendação de serem dadas em excursões, visitas e passeios escolares, de modo a tornar quanto possível o ensino prático e intuitivo.

Desse modo, evidenciamos nos periódicos que os preceitos das Lições de Coisas pelos quais se desenvolviam o ensino prático e intuitivo, se faziam presentes em atividades extraclasse realizadas pelos professores dos grupos escolares. Como afirmou Luiz Antônio, os passeios escolares, recomendados pelo Regimento Interno dos Grupos Escolares, ocorriam, preferencialmente, nos campos de cultura, fábricas, estabelecimentos industriais e fazendas. (LEI n. 405, de 29 de novembro de 1916). A exemplo do noticiário publicado no jornal *A República* no qual destaca o passeio escolar que a professora Helena Botelho do Grupo Escolar Joaquim Nabuco, realizou no sítio Umary, onde “Foram dadas lições sobre Botânica, a vista das plantas existentes no local, falando ainda a professora sobre a utilidade da árvore.” (VISITAS ESCOLARES, 1920, p. 1). Nos passeios, após as lições, os alunos recrearam, executando exercícios de ginástica sueca, jogos infantis, corridas, poesias e cantando hinos escolares.

Outro espaço de aplicação das Lições de Coisas eram as festas realizadas na escola primária. O periódico *A República* relata a Festa da Árvore realizada no Grupo Escolar Joaquim Nabuco.

Às 16 horas, numa das áreas do recreio, perante numerosa assistência, teve inicio a festividade com o hino das árvores, entoado por todos os alunos. Em seguida, a professora Helena Botelho, em linguagem clara, falou às crianças sobre a utilidade da árvore, o carinho e o respeito com que deve ser tratada, terminando com um elogio ao trabalho. Em cada uma das áreas descobertas do recreio, foram plantadas duas mangueiras, por alunos das duas escolas. Num dos salões do Grupo, realizou-se uma parte recreativa, desempenhada pelos alunos, constante de diálogos e recitativos, cuidadosamente escolhidos e ensaiados pelas professoras. (A FESTA, 1920, p. 2).

Segundo (Lima, 1927) as lições de coisas versavam nos programas e horários das escolas através de algumas orientações, sobre os princípios da moral, da higiene, da nobreza de uma profissão e da dignidade. Consistia em aguçar o sentido da observação. Nos

ensinamentos dessa matéria, se pretendia inculcar nas crianças o comportamento para o progresso a fim de que se tornassem cidadãos modernos e cultos.

De acordo com Moraes (2003, p. 62-63), a professora Isabel Gondim oferecia conselhos sobre esses ideais disseminados para a formação do cidadão republicano:

O trabalho desenvolve nossos talentos e nossas faculdades; e permite que sejamos úteis a nós mesmos, bem como à sociedade. Quem não sabe exercer uma profissão não pode ser feliz; ainda mesmo sendo rico precisa saber administrar seus possuídos. Quando estes não sejam discretamente zelados não tardarão em ser dissipados.

Para Nestor Lima, “[...] o estudo das coisas desenvolve as faculdades de observação e percepção (os sentidos), a memória, o juízo, o raciocínio, a abstração, a generalização, etc.” (LIMA, 1911c, p. 1). Ele sugere algumas etapas para o ensino das Lições de Coisas:

1º Apresentação do objeto ou o seu desenho e sua denominação; observação pelos alunos das suas propriedades mais gerais, cor, forma, som, sabor e cheiro, conforme for possível; 2º Designação de suas partes e elementos, bem como determinação de suas espécies ou variedades; 3º Decomposição do objeto em seus elementos constitutivos e sua recomposição, se for possível; e 4º Mostrar para que serve o objeto ou o funcionamento do órgão ou do ser. (LIMA, 1911c, p. 1).

Em Periódicos da época é nítida a indicação nas escolas primárias das Lições de Coisas como o único caminho capaz de conduzir-nos a uma educação sólida. Destacava que,

São as coisas que com seus nomes, nomes de suas propriedades, de suas ações, nos levam ao estudo da linguagem. É o estudo das formas dos objetos que produz a geometria, bem como o seu número fez nascer o cálculo. É do exame da localidade e de seus habitantes que resulta a geografia e a história. É o conhecimento dos animais, vegetais e minerais que produz a zoologia, a fitologia ou botânica e a mineralogia. (VASCONCELOS JÚNIOR, 1917, p. 8).

Sob essa perspectiva, esse ensino tinha por intuito mobilizar a atividade e estimular o entusiasmo na criança. Como menciona Lima (1927, p. 137) “[...] na lição de desenho escolhia o modelo, fazia que os alunos o observassem cuidadosamente, punha-os a trabalhar, retirando-os aquela passividade criminosa de “vaso recipiente por diferença de nível.”

Com isso, evidenciamos a presença constante das Lições de Coisas nas matérias e nas festividades realizadas na escola primária. Essa instituição utilizava o Método Intuitivo, as Lições de Coisas, para incutir valores e hábitos nas crianças. Compreendia-se que “só os processos intuitivos podem levar o homem a raciocinar guiado pela razão, pelos princípios da ciência, pela compreensão das leis.” (SOUZA, 1998, p. 164).

Os ensinamentos das Lições de Coisas são indícios de que as maneiras de educar as crianças envolviam controlar, semear e cultivar a natureza destas. São preceitos voltados para a formação do cidadão republicano. Indicava os modos de fazer e a conduta específica na escola primária.

A preocupação dos mestres do magistério primário com a higiene, métodos, mobiliário, utensílios e espaços escolares destinados as crianças evidenciam que as instituições buscavam atender aos ditames da educação higiênica por meio das instalações adequadas ao ambiente escolar. A reorganização desse espaço, o discurso higiênico, o reordenamento de práticas e métodos, evidenciam o esforço republicano brasileiro no sentido de sistematizar a escrita, em direção, à normatização do corpo. (VIDAL; GVIRTZ, 1998).

A escola passa a ser o lugar de enunciação para o ensino da leitura e da escrita. A Leitura tanto quanto a Escrita faz parte do processo de construção, instauração dos sentidos. Nesse intento, as orientações dos discursos pedagógicos preocupavam-se em normatizar a escrita, conforme os preceitos higienistas da época. “Um dos princípios importantes durante a escrita em classe dizia respeito à disposição do corpo do aluno, do papel e da pena. A falta de cuidado com esses preceitos acarretaria problemas na visão, como a miopia, ou deformações na coluna da criança.” (LIMA, 1911).

A respeito disso, Luiz Antônio (1927, p. 134) asseverava que algumas vezes não existia imobiliário nas instituições:

O aluno traz uma cadeira, o mais abastado, um banco ou tamborete, o mais pobre, cujo conjunto, na sala insuficiente, estadia o mais frisante e irrisório contraste. Senão isto, são bancos-carteiras em desacordo com a estrutura dos alunos, raramente individuais, obrigando a posições viciosas, cujo prejuízo se não faz esperar convertido em desvio da coluna vertebral.

No entanto, afirmava que em São Paulo e no Rio Grande do Norte, como repressão a essa prática desastrada, sei que dispõem de plantas adotadas, que fornecem aos municípios, para construção de seus prédios escolares. Segundo consta na legislação educacional da época, as atribuições dos municípios eram de colaborar diretamente na criação dos grupos

escolares, oferecendo o prédio, o material escolar e pedagógico, o expediente, etc. (RIO GRANDE DO NORTE, 1916).

Em publicação no Jornal A República, o diretor da Instrução Pública, Manoel Dantas, anunciava a sua visita na exposição das carteiras higiênicas do Modern School, realizada no teatro Polytheama. Relatou que o móvel atende a todas as necessidades das escolas, de acordo com a pedagogia moderna. E, ainda, declarou o interesse na adoção deste material de cunho pedagógico higiênico ao afirmar que “o valor científico da carteira é ser ela a única das conhecidas no mundo inteiro, que obriga o aluno a conservar-se em posição ereta, evitando as más influências do mobiliário empírico.” (MOVEL ESCOLAR E DE SALÃO, 1916, p. 1).

No tocante à lição de leitura, Luiz Antônio destacava a importância do trecho da atividade lido em voz alta para a inflexão da inteligência. Com isso seria “[...] concedida a permissão, para procurar, no vocabulário do fim dos livros bem feitos, a significação de termos novos e desconhecidos, visando o que se fará mais tarde com o dicionário, cujo manuseio deve constituir um hábito no adulto. (LIMA, 1927, p. 137). A Leitura em voz alta possibilitava uma melhor compreensão do texto, através das entonações e pausas necessárias à fluência da Leitura. (MORAIS; SILVA, 2009).

Para Nestor dos Santos Lima, diretor da Escola Normal de Natal, “[...] a leitura é a base de todo ensino.” “A leitura não é somente uma operação abstrata de intelecção; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros.” (CHARTIER, 1994, p. 16).

Desta feita, “[...] valorizava-se a leitura como símbolo de instrução e como forma de socialização. A prática de leitura, portanto, entendida como uma chave de acesso ao saber erudito, ao brilho que a cultura letrada propicia.” (MORAIS, 2002, p. 35).

Outra preocupação enfatizada por Luiz Antônio (1927, p. 139) dizia respeito à disciplina no espaço escolar. Discordava do uso de prêmios como recompensa, ao afirmar que:

Abolidos os castigos físicos, banido o regime da “cafua” e da “palmatória”, ficou ainda um remanescente da velha disciplina falida – os prêmios escolares – estímulo de vaidade dos pais e dos alunos, fonte de ressentimentos, incentivo de egoísmo, bem dignos de figurar ao lado daqueles instrumentos de suplícios, num arquivo de curiosidades extravagantes.

Para o educador norte rio grandense, os prêmios escolares figuravam como práticas maléficas para a formação do caráter e do espírito das crianças. Para ele, o prêmio da virtude era a própria virtude. Portanto, a verdadeira disciplina de natureza e essência moral tinha como fundamento a própria virtude.

Sobre o problema da educação sexual, Luiz Antônio asseverava que este se impõe pelo seu alcance moral. Posta nestes termos a questão, os pedagogistas contemporâneos se dividem em dois grupos: os dos abstencionistas que guardam sobre o assunto o mais rigoroso silêncio por considerá-lo muito escabroso e dos intervencionistas que pleiteiam a intervenção do educador em benefício da juventude, para fazê-la compreender a moralidade do que, erroneamente, se considera imoral. “A prevenção das doenças transmissíveis tem no meio escolar as melhores oportunidades de propaganda sanitária que é levada às famílias.” (LYRA, 1946, p. 54).

No que diz respeito à educação contra o male social do tabagismo, “é inadiável convencer as crianças que o tabaco é um tóxico desprezível, como todos os outros, a fim de que ela prometa a si mesma nunca fumar.” (LIMA, 1927, p. 91). No artigo intitulado *Higiene Escolar*, evidenciamos a aversão aos males do fumo, pois ressaltava que as energias são reduzidas, patenteando os perigos das intoxicações e as desordens resultantes. (LYRA, 1922).

Quanto à campanha moral contra o jogo, Luiz Antônio afirmava que não seria difícil descrever aos alunos os diferentes degraus que percorre o espírito humano na aquisição do vício. Dessa forma, persuadimos as crianças de que o homem é depositário de um grande espolio moral. Sob o ponto de vista de Ribeiro (*apud* BOARINI, 2003), “a criança seria o homem do amanhã, por isso é indispensável ações preventivas e educativas direcionadas a ela na criação de um homem sadio, vigoroso e melhorado.”

Esse manancial de discursos higienistas nas enunciativas da tese e dos periódicos, permitiu a reflexão acerca da difusão desses ideais no seio da sociedade norte rio grandense, bem como no Brasil, haja vista a necessidade de incutir nos sujeitos os valores e preceitos para a formação do cidadão republicano moderno. São materiais e veículos de informação criados para propagação do projeto de uma pedagogia escolar e civilizatória que se destinavam à instrução pública e às instâncias sociais.

Tecendo Considerações...

[...] uma escola de desenvolvimento geral, recebendo todas as crianças naquela idade, qualquer que seja o grau de recurso de sua família ou seu destino na sociedade. Seria o alicerce do nosso edifício escolar e respeitaria o fim essencial da educação, que é o ‘desenvolvimento completo da individualidade’.

Lima (1927, p. 140-141).

Investigar os ideais educativo-higienista e a prática do intelectual Luiz Antônio dos Santos Lima foi uma experiência singular. Evidenciamos as medidas educacionais higiênicas em consonância com o ideal de modernidade disseminado nas primeiras décadas do século XX. Conhecer a vida e obra deste intelectual norte-rio-grandense que atuou e contribuiu para a educação e área médica do Estado, possibilitou a compreensão do quadro histórico e social no qual foram reproduzidas as representações da educação higiênica para a sociedade no período republicano. A partir disso, nos questionamos, quem foi Luiz Antônio dos Santos Lima, a que conclusões chegamos depois dos estudos, leituras e análises das fontes que constroem esta pesquisa? Como percebemos a relação que este educador faz aos conhecimentos aos saberes educativos higienista proposto pelo ideário do projeto de modernidade no período republicano?

Estes questionamentos procuramos responder quando a presente pesquisa era apenas um conjunto de ideias. Aos poucos foram tomando forma e novos rumos na construção deste trabalho. Na medida em que tínhamos acesso às fontes, sejam escritos do próprio educador, como a sua Tese de doutoramento em Medicina intitulada *Hygiene Mental e Educação*, as publicações de dirigentes do ensino e médicos higienistas do Estado ou mesmo as imagens que nos contavam a trajetória de sua história, suscitavam novas questões e instigavam a busca por novos conhecimentos para respondê-las ou interpretá-las. Enfim, chegamos à conclusão do nosso trabalho. Tentamos responder às questões: Quais as influências desses ideais educativos-higienistas nas organizações das instituições de ensino? Qual o papel do professor primário e do médico? São questionamentos que buscamos esclarecer sobre o objeto de estudo.

Luiz Antônio defendeu a sua tese para a cadeira de higiene da Faculdade do Rio de Janeiro (1927), contribuindo para a área da educação e difusão dos ideais higienistas na sociedade norte-rio-grandense. Desse modo, evidenciamos que buscou estar em consonância com o ideal de modernidade do início do século XX, propondo novos princípios e métodos através de seus ideais para a educação e a higiene, com o objetivo de modernizar as ações até então desenvolvidas na área educacional.

No conteúdo da Tese, observamos em seu discurso, ideais educativos relativos às razões medico-higiênicas. Identificamos também que Luiz Antônio asseverava como indispensável na formação do cidadão, alguns princípios para o desenvolvimento dos hábitos saudáveis nas escolas, sendo contra os vícios e flagelos do alcoolismo, do tabagismo e do jogo. Temas esses recorrentes nas publicações em periódicos e em conferências desenvolvidas nas

instituições escolares do Estado. Defendia a necessidade de uma docência qualificada, por isso colocava como imprescindível inserir a Higiene Mental e a Psicologia no quadro das disciplinas para constituir ensino obrigatório nas Escolas Normais. Preocupava-se também com a alfabetização no Estado do Rio Grande do Norte.

Esses ideais adentraram no cotidiano escolar, social, familiar, averiguou, regulou e promoveu a assistência à saúde física e mental, uma vez que o discurso higienista era notadamente vinculado ao exercício das práticas pedagógicas. Tratava-se de estratégias normatizadoras e propostas de regeneração que visavam à construção de um corpo sadio.

Como professor primário, Luiz Antônio foi homenageado por várias vezes no *Livro de Honra*. Destacava o método intuitivo e a realização da prática de ensino concreto realizada pelas lições de coisas, como consideradas a chave para desencadear a pretendida renovação educacional moderna. Além da esfera educacional, destacou-se também frente a atividades administrativas e sócio culturais, à exemplo da Academia Norte Rio Grandense de Letras.

A narração deste trabalho implicou em um refazer contínuo na busca em apresentar o que está silenciado na história. “A narrativa histórica, como mulher apaixonada, exige todo o envolvimento do historiador, sua total entrega, e, ao mesmo tempo, sua total vigilância.” (NUNES, 1990, p. 44). Nesse intento, esta tarefa possibilitou a compreensão acerca de um intelectual que buscou nas razões médicas trazer ideais educativos que legitimassem intervenções na esfera educacional, em busca de uma sociedade higienizada com o auxílio da organização das instituições escolares.

Com esta investigação, identificamos as formas da ação higienista pelo desenvolvimento da saúde além da pedagogia escolar e civilizatória, haja vista o quadro de atraso em relação ao modelo progressista e civilizado europeu em que procurou reproduzir na sociedade potiguar. Enunciámos a trajetória de ser e conviver de Luiz Antônio, observando as relações presentes entre a Educação e a Medicina em um determinado contexto histórico.

Diante disso, asseveramos que as formações enunciativas presentes nos discursos produzidos na tese e nos periódicos, configuravam-se como dispositivos de transmissão do ideário higienista, alcançando a sociedade com vistas a dar seguimento ao projeto político de modernização da ordem republicana. Com isso, identificamos as formas da ação higienista por meio do desenvolvimento de hábitos nos sujeitos pela promoção da saúde e do efeito civilizatório.

Temos consciência das lacunas que ficam pela abrangência do tema, mas elas suscitam novas possibilidades de estudos a serem desenvolvidos na área da historiografia da

educação no Rio Grande do Norte, haja vista seus desdobramentos sobre as práticas dos médicos-escolares nos espaços das instituições de ensino primário, a obrigatoriedade do ensino e a alfabetização, a educação das crianças pobres, as escolas para a educação da maternidade, a educação das crianças nas escolas profissionais, como também outras problemáticas indicam novos horizontes para possíveis investigações apontadas pelo alvorecer do movimento da educação higiênica, durante as primeiras décadas do século XX.

Referências

Fontes

Atos, Leis e Decretos do Governo

LIMA, Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos. **Escríptura Pública de Certidão de Nascimento**. Natal, 2010. (Documento datilografado de 21 de dezembro de 2010, sob a guarda do 1º Ofício de notas, Cidade Alta– Natal).

_____. **Escríptura Pública de Certidão de Óbito**. Natal, 2010. (Documento datilografado de 20 de dezembro de 2010, sob a guarda do 4º Ofício de notas, Capim Macio– Natal).

RIO GRANDE DO NORTE. Lei n. 405, de 29 de novembro de 1916. Lei Orgânica do Ensino. **Reorganiza o ensino primário, secundário e profissional no Estado**. Actos Legislativos e Decretos do Governo. Natal: Typografia de A República, 1916.

_____. Decreto n. 161, de 7 de janeiro de 1922. **Regulamento da Escola Normal**. Natal: Typografia d' A Imprensa, 1922.

_____. Decreto n. 7. 316, de 13 de abril de 1978. **Cria a Escola Estadual Luiz Antônio**. Natal, 1978.

_____. **Livro de Honra (1914-1919)**. Manoel Dantas. Natal, 1919.

_____. **Livro de Portaria do Ensino (1906-1941)**. Natal, 1941.

_____. **Livro de Registros das Atas da Congregação do Atheneu Norte Riograndense e da Escola Normal de Natal (1906-1911)**. Natal, 1911.

_____. **Livro para Termos de Compromissos e Posse dos professores e funcionários do Atheneu Norte Riograndense (1911-1940)**. José Augusto de Medeiros. Natal, 1940.

Jornais, Revistas e Manuais de Pedagogia

A FESTA das árvores. **A República**, Natal, p. 2, 19 maio 1920.

ALCOOLISMO. **A República**, Natal, p. 1, 4 jul. 1918.

A REPÚBLICA. **Periódico republicano**, fundado em 01 de julho de 1889, por Pedro Velho. Atualmente circula como Diário Oficial do Rio Grande do Norte.

BARRETO, Octaviano Muniz. Matéria sobre o estudo científico da criança. **Diário do Natal**, p. 2, 17 de abril de 1912.

BOARINI, Maria Lúcia. “Higienismo e Eugenia: discursos que não envelhecem”. **Psicologia Revista**. vol. 13, n.1, SP. Educ.p. 59-72. 2004.

CÂMARA, Amphiolio. Escola do Profº Luiz Antônio dos Santos Lima. **A república**. Natal, 24 de abril de 1920.

CAMARA, Aluisio da. Crianças Anormais. **Pedagogium**. Natal, 14 de dezembro de 1926.

CARTEIRA ESCOLAR HIGIÊNCIA LISOWSKY: móvel escolar e de salão. **A República**. Natal, 28 de fevereiro de 1934.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.2, p.177-229, 1990.

COMBATER o analfabetismo é dever de honra de todo brasileiro. **A República**, Natal, p. 1, 24 set. 1917.

_____. *A República*, Natal, p. 1, 11 jan. 1918.

_____. *A República*, Natal, p. 1, 27 maio 1919.

CONFERÊNCIA SOBRE O ÁLCOOL. **A República**, Natal, 2 de agosto de 1918.

CRIAÇÃO do Instituto de Proteção e Assitência a Infância. **A República**. Natal, p. 2, 18 de setembro de 1918.

DANTAS, Christovam. Escola para mães. **Pedagogium**, Natal, p. 46, Jul. 1922.

DANTAS, Manoel. Contra o analfabetismo. **A República**, Natal, p. 1, 21 jul. 1917.

_____. O problema do ensino no Rio Grande do Norte. **A República**, Natal, p. 1, 30 de outubro de 1919.

DIÁRIO DO NATAL. **Jornal diário**, propriedade da Editora O Diário S. A. Fundador Assis Chateaubriand.

DIRETORIA provisória. **A República**. Natal, agosto de 1949.

EDUCANDÁRIO Osvaldo Cruz. **A República**. Natal, 15 de julho de 1942.

ESCOLAS NÃO SUBVENCIONADAS. **A República**, Natal, p. 1, 28 de abril de 1920. (Coluna Pelo Ensino).

FERREIRA, José de Anchieta. Histórias que não estão na História. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal, v.LXXV-LXXVI, p.12, 1983.

FINOCCHIO, José Luiz; RODRIGUEZ, Margarita Victoria. Abordagens sobre o estudo da inserção da *gymnastica* no ensino secundário do Brasil no século XIX. **Revista Acta Scientiarum Education**. Maringá, v. 35, n. 1, jan.-june, 2013. p. 39-47.

FRUTOS da iniciativa particular. Entrevista cedida por Drº Luiz Antônio à Revista Carioca O Norte sobre a Associação de Professores do RN. **Pedagogium**, 1922.

GUERRA ao álcool. **A República**, Natal, p. 1, 18 de março de 1919.

HIGIENE ESCOLAR: inspeção médico-escolar. **Pedagogium**. 1922.

INAUGURAÇÃO da Praça 7 de setembro na passeata cívica. **A República**. Natal, 8 de setembro de 1914.

[INSPETOR de higiene]. **A República**, Natal, 24 nov. 1914. Várias, p.1.

LIMA, Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos. **Hygiene Mental e Educação**. 178 f. Tese de Doutoramento em Medicina. (Cadeira de Higiene). Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1927.

LIMA, Nestor dos Santos. **Um século de ensino primário**. Natal: Tipografia da República, 1927.

_____. As modas e a educação. **Pedagogium**. Natal, p. 12-20, 1921.

_____. O Celibato Pedagógico. **Pedagogium**. Natal, 1921.

_____. A escrita, seus princípios e processos. A Caligrafia. **A República**. Natal, 28 de julho 1911a. (Coluna Pedagogia, p. 1).

_____. A Leitura, suas espécies, métodos e processos. A Caligrafia. **A República**. Natal, 21 de julho 1911b. (Coluna Pedagogia, p. 1).

_____. Lições de coisas, sua importância, princípio e método. Leitura, suas espécies, métodos e processos. A Caligrafia. **A República**. Natal, 26 de julho 1911c. (Coluna Pedagogia, p. 1).

LYRA, Alfredo. Inspeção médica-escolar. **A República**. Natal, 6 de abril de 1922.

_____. A lição de higiene nas escolas primárias. **Pedagogium**. Natal, 30 de setembro de 1946.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Pensar Categorias em História da Educação e Gênero. **Projeto História**, São Paulo, n.11, nov. 1994. p. 19-29.

MELO, Aberlado. O pré-escolar e os jardins da infância. **Pedagogium**, 1951.

MOVEL ESCOLAR E DE SALÃO. **A República**. Natal, p. 1, 21 de outubro de 1916.

NONATO, Raimundo. Professor Luiz Antônio, bravo lutador que não envelheceu nos seus ideais. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal, v.LXVIII-LXIX, p.137-140, 1976.

NOMEAÇÕES. **Diário do Natal**. Natal, 22 de dezembro de 1910.

NUNES, Clarice. História da Educação: espaço de desejo, **Revista Em Aberto**, Brasília, v.9, nº47, p.37-45, julh e set. 1990.

OS MUNICÍPIOS Assu. **A República**. Natal, p. 2, 7 de abril de 1914.

PASSEIOS ESCOLARES. **A República**, Natal, p. 2, 22 jun. 1920. (Coluna Pelo Ensino)

PEDAGOGIUM. **Revista da Associação de Professores do Rio Grande do Norte**. Natal: Tipografia de A República, n.1, 1921.

_____. **Órgão oficial da Associação de Professores do Rio Grande do Norte**. Natal: Artes Gráficas, v1., AnoXX, 1940.

PENTEADO, Ernesto. A lei do hábito. **Diário do Natal**. Natal, 10 de fevereiro de 2012.

PEREIRA, Nilo. Luiz Antônio, um sábio. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal, v.LXXXI-LXXXIII, p.127-128 ,1990.

PETROVICH, Enélio Lima. O filantropo Luiz Antônio. **Tribuna do Norte**. Natal, p. 1, 16 de abril de 1961.

PROFESSORA ECILA CORTEZ. **Pedagogium**, Natal, p. 48-50, ano 4, s./n., 1921.

RAMOS, Jorge Oliveira do. Poder-saber-querer: os terrenos disciplinares da alma e do auto-governo no primeiro mapa das Ciências da Educação. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, n.12, jul/dez, 2006, p.11-30.

REIS, José Roberto Franco. “De pequenino é que se torce o pepino”: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. **História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v.7, n.1, mar./jun., p.135-157, 2002.

RIO GRANDE DO NORTE. **Revista de Ensino** – Publicação Bi-mensal. Natal: Tipografia de Comercial, n.3, junh. 1917.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Educação escolar e educação da infância. **Cadernos Cedes**, Campinas/SP, v.23, n.59, p.39-56, abr. 2003.

SANDOVAL, J.. INSTRUÇÃO!. **Revista do Ensino**. Natal, p. 14, fevereiro de 1917.

SILVA, José Tavares da. Luís Antônio, O Sacerdote da Medicina. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, XVII, nº7, 1968.

SIMONET, Alfredo. Comboieiro. **A República**. Natal, 18 de jul. de 1923.

VASCONCELLOS JUNIOR, E. Benigno de. Lições de coisas. **Revista de Ensino**, Natal, Ano I, n. 1, p. 6-8, fev. 1917.

VISITAS ESCOLARES aos estabelecimentos particulares: “Instituto Pestalozzi”. **A República**, Natal, p. 1, 18 de setembro de 1918. (Coluna Pelo Ensino).

VISITAS ESCOLARES Grupo Escolar ‘Joaquim Nabuco’. **A República**, Natal, p. 2, 17 jun. 1919. (coluna Pelo Ensino).

VISITAS ESCOLARES. **A República**, Natal, p. 1, 20 maio 1920. (Coluna Pelo Ensino).

Documentos

Regimentos e Regulamentos de Ensino

RIO GRANDE DO NORTE (1909). **Regimento Interno dos Grupos Escolares do Estado**. Natal: Tipografia da República, 1909.

_____ (1925). Departamento de Educação. **Regimento Interno dos Grupos Escolares do Estado**. Natal: Tipografia da República, 1925.

_____ (1922). Decreto nº 161, de 7 de janeiro de 1922. **Regulamento da Escola Normal**. Natal: Imprensa, 1922

Livros

BOARINI, Maria Lúcia (Org.). **Higiene e raça como projetos:** higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: Eduem, 2003.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história.** São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção primeiros passos).

BURITI, Iranilson. Educando com Penna: a educação sanitária na Primeira República nos escritos de Belisário Penna. In: ALVES, Claudia; LEITE, Juçara Luzia (Orgs.). **Intelectuais e História da Educação no Brasil:** poder, cultura e políticas. Vitória: EDUFES, 2011. p. 359-376.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CALKINS, Norman Alisson. **Primeiras lições de coisas** – manual de ensino elementar para uso dos pais e professores. Tradução: Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1950. 573 p. (Obras Completas, v. 13, tomo 1).

CALVINO, Ítalo. **Se numa noite de inverno um viajante.** Lisboa: Veja, 1993.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da instrução públicas. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (coleção historial, 6). p. 225-251.

_____. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **História Social da Infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O tempo e eu:** confidências e proposições. 3 ed. Natal: EDUFRN, 1997.

_____. **Ontem:** maginações e notas de um professor de província. Natal: EDUFRN, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. 18. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CLAPARÈDE, Edouard. **A escola sob medida**: e estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

COSTA, Karoline Louise Silva da. Luiz Antônio dos Santos Lima, educador e médico higienista do cenário norte-rio-grandense (1910-1930). In: **Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 8, 2012. **Anais... Rituais, Espaços & Patrimônios Escolares**, Lisboa: 2012. p. 1-10.

COSTA, Karoline Louise Silva da; MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. O professor Luiz Antônio dos Santos Lima e sua prática educativa nas instituições escolares (Natal/RN, 1910-1930). In: **VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 8, 2010. **Anais... Infância, Juventude e Relações de Gênero na História da Educação**. São Luís: 2010. p. 1-10.

COUTO, Miguel. **No Brasil só há um problema nacional**: a educação do povo. Conferência realizada na Associação Brasileira de Educação no dia 2 de julho de 1927. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1927.

DUARTE, José Haroldo Teixeira. **História da Associação de Professores do Rio Grande do Norte**. Natal: Companhia Editora do Rio Grande do Norte, 1985. 200p.

DUBY, Georges. **A História Continua**. Tradução Clovis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: Editora da UFRJ, 1993. Tradução de: *L 'Historie Continue*.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Tradução: Ruy Jungmann. Revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 2 v. Tradução de: *Über den Prozess der Zivilisation*.

FAGUNDES, Antonio. **Leituras Potyguares (da Associação de Professores)**. Natal|RN: Sebo Vermelho, 2009.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira (Orgs.). **Desafios da imagem**: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas/SP: Papirus, 1998. 319p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Geral, 1979.

_____. **O uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **A arqueologia do saber.** 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **História social da infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1997.

GONDRA, José Gonçalves. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. **500 anos de educação no Brasil.** 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (p. 519-550).

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar:** medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, Clarice. **Missionários do Progresso:** médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870-1937). Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da Educação.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

LOPES, Eliane Marta T; GALVÃO, Ana Maria de O. **História da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MACHADO, Roberto ET AL. **Danação da norma:** a medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MAI, Lilian Denise. Difusão dos ideários higienista e eugenista no Brasil. In: BOARINI, Maria Lúcia (Org.). **Higiene e raça como projetos:** higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: Eduem, 2003.

MENEZES, Antônio Basílio Novaes Thomaz de. **Nestor dos Santos Lima e a modernidade educacional:** uma história do discurso (1911-1928). Natal, RN: EDUFRN, 2009.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: Mignot, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs). **Refúgios do eu:** educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 123-143.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Vida íntima das moças de ontem: um encontro com Sophia Lyra. In: Mignot, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara;

CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs). **Refúgios do eu:** educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 109-122.

_____. **Leituras de Mulheres no Século XIX.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 106p.

_____. **Carrossel de leituras:** ensaios de vida. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. 136p.

_____. **Isabel Gondim, uma nobre figura de mulher.** Natal: Terceirize, 2003. 156p. (Série Educação e Educadores do Rio Grande do Norte – Vol. I).

_____. **Chicuta Nolasco Fernandes, intelectual de mérito.** Natal: Editorial A Republica, 2006. 174p. il.

_____. **Gênero e Práticas Culturais:** história, educação e literatura. Natal,RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009. 278p.

_____. **História da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Norte - presença de professoras (1910-1940).** PVE|CNPq (2010-2013).

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de; SILVA, Francinaide de Lima. Práticas de leitura e escrita nos grupos escolares do Rio Grande do Norte (1908-1920). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 36, n. 22, p. 114-138, set./dez. 2009.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente** (textos reunidos). São Paulo/SP: Edições Loyola, 2004

NAVARRO, Jurandyr. **Oradores, Rio Grande do Norte – (1889-2000):** biografia e antologia. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2004.

NUNES, Clarice. **História da Educação:** espaço do desejo. Em Aberto, v.9, nº47, jul/set, 1990. INEP/Brasília.

_____. Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca. In: HERSCHEMANN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, Clarice. **Missionários do Progresso:** médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870-1937). Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1996. p. 153- 224.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. In: GONDRA, José Gonçalves (Org.) **Pesquisa em História da Educação no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NUNES, Paulo Viana. **Depoimentos:** Luiz Antônio um samaritano justo e perfeito. Natal/RN, 23 de outubro de 1995.

OSAKABE, Haquira. O mundo da escrita. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leituras no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. p. 15-22.

PEIXOTO, Afrânio. **Noções de Higiene**. 6ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1935.

PETROVICH, Enélio. **Escrevendo, Lendo e Publicando**. Natal: Editora IHGRN, 2011. 447p.

PINHEIRO, Rosa Aparecida. **Educação e Modernização em Henrique Castriciano**. Natal|EDUFRN, 2005.

RAMOS, Arthur. **A criança problema**: a higiene mental na escola primária. 4ed. Rio de Janeiro: livraria editora da casa do estudante do Brasil, 1954.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação**. 3ed. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Itamar de. **Nova História de Natal**. 2ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. A fotografia em pesquisas históricas. In: **História ensinada e a escrita da História**. Orgs. ANDRADE, João Maria Valença; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Natal/RN: EDUFRN, 2009.

TAVARES, Ciro José. **A sombra do tempo**. André Quicé Editora e Distribuidora LTDA, Brasília, 2001.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: Educação Phisica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos das crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Grupos Escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WARDE, Miriam Jorge. Para uma história disciplinar: Psicologia, criança e Pedagogia. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 311-332.

VIDAL, Diana G.; GVIRTZ, Silvina. O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina, 1880-1940. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 13-30, maio/jun./jul./ago., 1998.

Monografias, Dissertações e Teses

AMORIM, Sara Raphaela Machado de. **Do mestre aos discípulos: o legado de Nestor dos Santos Lima (1910-1930)**. 2010 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

COSTA, Karoline Louise Silva da. **Luiz Antônio dos Santos Lima, um Educador Higienista no Rio Grande do Norte (1910-1941)**. 68 f. Monografia (Curso de Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011.

HOLLANDA, Valkley Xavier Teixeira de. **A expansão do ensino no RN (1910-1920): presença de professoras**. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

MEDEIROS, Ana Luiza. **A perspectiva da educação higienista no Jornal das Moças (1926)**. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

MENEZES, Antônio Basílio Novaes Thomaz de. **Nestor dos Santos Lima e a modernidade educacional: uma história do discurso**. 2003. 221 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

OLIVEIRA, Suelena Gurgel de. **Memórias de José Gurgel de Araújo no contexto do seu tempo: sua contribuição à educação**. 59 f. Monografia (Curso de Pedagogia) – DESE-CERES-UFRN, Caicó, 2002..

SILVA, Francinaide de Lima. **O Grupo Escolar Modelo Augusto Severo e a prática pedagógica de suas professoras**. 2007. 63 f. Monografia (Curso de Pós-Graduação em Educação Infantil) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

_____. **O Grupo Escolar Modelo Augusto Severo (1908-1920): vinte anos de formação de professores**. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

_____. **Um espaço de formação do professor primário: a Escola Normal de Natal (Rio Grande do Norte, 1908-1971).** 2013. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

SILVA, Francisco Anderson Tavares da. **Augusto Tavares de Lyra: a república em vários tons.** 2012. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.